

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**RAFAELA RUIZ DINIZ**

**OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS VIVÊNCIAS DE  
GÊNERO PARA CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NA  
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA**

**SÃO PAULO – SP**

**2020**

RAFAELA RUIZ DINIZ

**OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS VIVÊNCIAS DE GÊNERO PARA  
CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA  
SÓCIO-HISTÓRICA**

Trabalho de conclusão de curso realizado  
como exigência parcial para a graduação no  
curso de Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Arantes Hime

SÃO PAULO – SP

2020

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro gostaria de agradecer minha professora e orientadora, Flavia Hime, que esteve comigo no primeiro e último ano da faculdade. Obrigada pela paciência e carinho durante o processo e finalização deste trabalho, por ter dado apoio neste momento tão difícil que passamos, e por me fazer acreditar que no final daria tudo certo, e deu!

Aos meus pais, que são sempre meus principais e maiores apoiadores. Obrigada por todo o cuidado que me deram na vida, e por toda a infância cheia de cores que vocês lutaram tanto para proporcionar. Amo vocês.

Aos meus amigos de longa data, que me reforçam por cada coisinha que faço e por cada ideia que tenho, por enxugar as lágrimas (não foram poucas), e por me dar as melhores lembranças e risadas (essas são muitas). Vocês são tudo para mim.

Aos meus amigos da PUC, que me ensinaram Psicologia na prainha, no bosque, nos corredores do prédio velho, no Pátio da Cruz e nos bares da Rua Ministro Godói – vocês sabem quem são. Em especial a Beatriz, Júlia e Radharani, que estiveram comigo da primeira à última semana deste curso. Vocês são incríveis e fizeram o meu caminho até aqui muito melhor. Saudades.

## **RESUMO**

**Área do conhecimento:** 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

**Título:** Os sentidos e significados das vivências de gênero para crianças em idade escolar na perspectiva da psicologia sócio-histórica

Orientanda: Rafaela Ruiz Diniz

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Arantes Hime

Esta pesquisa tem como por objetivo compreender os sentidos e significados de gênero produzidos por duas crianças em idade escolar, a partir do que é ser uma menina e o que é ser um menino dentro do referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio histórica e Histórico cultural. Foram realizadas duas entrevistas, uma com um menino de 7 anos, e outra com uma menina de 10 anos, moradores da cidade de São Paulo. O método escolhido foi o da conversação através da entrevista semi-dirigida, utilizando-se da produção de desenhos das crianças como instrumento auxiliar de análise. A interpretação foi realizada pelo levantamento de núcleos de significação, que procuram identificar os significados e sentidos subjetivos atribuídos ao gênero dos colaboradores. São três os núcleos de significação resultantes: “Os meninos e as meninas”; “Quem sou eu”; “O preconceito das outras pessoas”. Às meninas, são delegadas obrigações e o papel de namorada, e os meninos, têm vida mais fácil e podem empinar pipa e jogar futebol. Os núcleos apresentam reflexões acerca das vivências de gênero, cheias de contradições e conflitos, que perpassam as relações com os outros e com o mundo que os cercam; componentes fundamentais na construção de suas identidades.

**PALAVRA-CHAVE:** desigualdade de gênero; infância; psicologia sócio-histórica

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
1.1	A questão de gênero .....	7
1.2	Crianças: sujeitos Históricos-Culturais .....	10
1.3	A leitura materialista histórica dialética na perspectiva da psicologia sócio-histórica .....	12
1.4	Dimensão subjetiva, sentidos e significados .....	15
2	OBJETIVO GERAL .....	18
3	MÉTODO .....	19
3.1	Participantes .....	19
3.2	Instrumentos .....	20
3.3	Procedimentos .....	21
3.4	Procedimento de análise de resultados .....	22
3.5	Considerações éticas .....	23
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	24
4.1	Núcleo 1 – As meninas e os meninos .....	24
4.1.1	O que João diz.....	24
4.1.2	O que Maria diz .....	28
4.2	Núcleo 2 – Quem sou eu.....	31
4.2.1	Quem é João .....	31
4.2.2	Quem é Maria .....	33
4.3	Núcleo 3 - O preconceito das outras pessoas.....	35
4.3.1	O que diz João.....	36
4.3.2	O que diz Maria .....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
	REFRÊNCIAS .....	42

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista .....	47
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores....	48
APÊNDICE C – Transcrição de Entrevista.....	50
ANEXO A – Desenhos .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

A psicologia, por muito tempo, manteve uma visão centrada no indivíduo, determinando e valorizando as ações individuais em detrimento das influências e articulações com o meio e os contextos nas relações sujeito-sociedade. As diferenças individuais foram transpostas para as diferenças de agrupamentos de indivíduos, sem que houvesse a preocupação de explicar e problematizar as variáveis históricas e culturais. Na psicologia também se assistiu a uma grande resistência à aceitação das críticas e estudos feministas quando estas questionavam os paradigmas teóricos, principalmente aqueles que naturalizavam a feminilidade e a masculinidade, o que fez com que as teorias psicológicas apenas descrevessem os papéis de gênero organizados segundo uma ideologia dominante onde o homem é a norma padrão e a mulher, um ser desviante (NOGUEIRA, 2001). Ser feminista implica em uma defesa dos interesses de um grupo, e assumir o feminismo na ciência da psicologia é admitir a não-neutralidade da construção do saber, confrontando os pressupostos positivistas que pensam proteger a pesquisa dos valores sociais do pesquisador e da cultura.

O conhecimento da psicologia social e os estudos de gênero têm muito a contribuir; o que fazemos do conceito de gênero e a forma como definimos homem e mulher têm influência no modo como as pessoas percebem a si próprias e ao mundo (HARE-MUSTIN & MARECEK, 1990, *apud* NOGUEIRA, 2001). Não só isso, como também influencia o nosso comportamento, as instituições sociais na sua organização tais como o trabalho, a reprodução, os cuidados com as crianças, a educação e a família.

No atual momento político, o presidente da República Jair Bolsonaro, ao tomar posse do cargo no dia 1º de 2019, prometeu combater a “ideologia de gênero”. Sua ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves, protagonizou uma das maiores polêmicas do mesmo ano ao dizer: “Atenção, é uma nova era no Brasil: meninas vestem rosa e meninos vestem azul!” (BARBOSA; GALVANI, Carta Capital, 2019). A expressão “ideologia de gênero” surgiu de forma pejorativa e sem nenhuma base acadêmica, desqualificando e descredibilizando os estudos de gênero e freando importantes

debates. Por volta de 2014, uma bancada religiosa se organizou em prol de excluir o termo “gênero” e “orientação sexual” dos planos nacionais, estaduais e municipais de educação (NEHER, Carta Capital, 2019). O medo da “erotização infantil” vindo de uma desinformação propagada pelo próprio governo do país, impede que a escola possa ser um espaço para aprender o que é gênero e, conseqüentemente, o que é violência de gênero, consentimento, e o que é abuso sexual, em um país onde 70% das vítimas de estupro são de crianças e adolescentes – segundo levantamentos do Ipea de 2011 feito com base nos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (BBC News Brasil, 2017).

A partir dos pontos apresentados e da relevância do tema, essa pesquisa pretende somar aos estudos de gênero dentro perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, utilizando os núcleos de significação para investigar os sentidos e significados dados ao “ser menina” e ao “ser menino” para crianças em idade escolar na cidade de São Paulo.

## **1.1 A questão de gênero**

Quando falamos de gênero, estamos conversando com um conceito formulado dentro do movimento social feminista no campo das ciências sociais da década de 70, que teve impacto nas teorias de análise e construção sócio-históricas das identidades do masculino e feminino na sociedade moderna (PISCITELLI, 2009).

O feminismo surgiu como um movimento emancipatório pela tomada de consciência das mulheres como seres humanos de direito, lutando pela equidade e denunciando a opressão, dominação e exploração sofrida por elas pelo coletivo dos homens (GARCIA, 2015). Além de propor a transformação das relações de gênero, ressaltando suas tensões e contradições, o feminismo trouxe também visibilidade para as mulheres como sujeitos fundamentais para a luta de classes e do movimento trabalhista – assim como os movimentos LGBT e negro (SANTOS, 2016).

Vale ressaltar que não existe uma corrente de pensamento único dentro do feminismo, – como não existe uma experiência única de ser mulher – mas vários. É importante dizer isto porque, como em qualquer outra pesquisa, há referências específicas que dizem respeito a um determinado ponto de vista sobre o fenômeno social, que está em acordo com as minhas perspectivas – principalmente naquilo que tange às questões de gênero.

As feministas se utilizaram do termo gênero justamente para explicitar as diferenças produzidas pela cultura, entre os homens e entre as mulheres, que se traduzem como desigualdades, com consequências tanto na realidade material objetiva quanto em uma dimensão subjetiva da realidade. Portanto, é a partir de um movimento e luta social, que surge uma contribuição teórica fundamental.

Quando as mulheres apareceram nas ciências sociais, sejam como objeto de investigação ou pesquisadoras, colocaram em xeque todas as teorias estabelecidas. Questionavam a validade das pesquisas, a suposta neutralidade dos termos, das teorias e as pretensões de universalidade de seus modelos. A introdução dos estudos de gênero supôs uma redefinição de todos os grandes temas das ciências sociais. (GARCIA, 2015, p.21).

Tomamos o gênero muitas vezes como algo dado e natural, reconhecemos alguém como homem ou mulher rapidamente, organizamos nossos afazeres e nossos trabalhos segundo esta distinção, pois existem um conjunto de comportamentos adequados esperados e aceitos pela sociedade para cada um (CONNELL; PEARSE, 2015). As feministas da última geração precisaram problematizar o termo definido a partir do sexo enquanto categoria natural, binária e hierárquica (NARVAZ e KOLLER, 2006). Na tentativa de diferenciar os sexos, certos discursos tentam responsabilizar as ciências biológicas pela distinção homem-mulher e masculino-feminino, como se a concepção de um corpo se desse fundamentalmente no campo da biologia, ignorando corpos marcados por aspectos sociais, culturais e políticos (POLIDORO; SENKEVICS, 2012).

Sustentar a dicotomia entre sexo e gênero é afirmar que o último é construído enquanto o outro é “natural”, relegando o sexo à “natureza” como se fosse possível compreender a “natureza” a partir de um conhecimento produzido

sobre ela (SCOTT *apud* POLIDORO; SENKEVICS, 2012). “Isso não significa que o gênero ‘produza’ ou ‘reflita’ diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, e sim que é um saber que estabelece significados para tais diferenças” (Idem, 2012, p. 17).

Gênero pode ser usado como uma categoria de análise, mas não se resume a isso. Ele é também uma categoria histórica que pode ser concebida em muitas instâncias: símbolo cultural; representação social; conceito normativo como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais; identidade subjetiva (SCOTT, 1988 *apud* SAFFIOTI, 2004); como gramática sexual regulamentadora de relações de poder etc. O objetivo aqui é trazer o debate para o campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos com bases nas suas diferenças, originando também as inúmeras formas de violência dos homens sobre as mulheres. “As justificativas para a desigualdade precisam ser buscadas [...] nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade e nas formas de representação” (LOURO, 1997, p. 22).

Pretende-se contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros e entendê-lo como constituinte da identidade dos sujeitos.

[...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero etc. – constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções” (STUART HALL, 1992 *apud* LOURO, 1997, p. 24).

Atravessados por diferentes discursos, símbolos, práticas e representações, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjan-do e desarranjan-do seus lugares e suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções estão sempre em movimento, transformando-se ao longo do tempo, historicamente, articulando com as histórias individuais (LOURO, 1997).

Os discursos de identidade de gênero frequentemente se misturam ao de identidade sexual, apesar de estarem extremamente inter-relacionadas. A

visibilidade para grupos LGBT+<sup>1</sup> vem mostrando que identidades de gênero e a sexualidade compõe uma diversidade enorme da forma de estar no mundo,

de tal modo que a presença ou não de um cromossomo Y pouco diz a respeito do lugar social daquele indivíduo. O mesmo podemos dizer sobre sua personalidade, comportamento e aptidões. Cada vez mais, esses casos reforçam a complexidade das relações de gênero e a inexistência de uma correlação fixa e linear entre o que cotidianamente tratamos como sexo, gênero e orientação sexual” (POLIDORO; SENKEVICS, 2012, p.18).

A partir da concepção de gênero distinto do determinismo biológico e concebido dentro da história e sociedade, ele apresenta diversas manifestações nas mais diferentes culturas. No Brasil por exemplo, é costume furar a orelha das meninas tão logo nascem, diferenciando desde início seus corpos como femininos – segundo Louro (1997), no gênero, a prática social se dirige aos corpos. A marca ao corpo começa pelo brinco, se estende para as roupas, com cores e modelos diferenciados para os sexos, atinge o comportamento e as expectativas dos adultos sobre as crianças. Essas diferenças postas sobre os sexos são elementos constitutivos das relações sociais, que por sua vez é uma forma primária de significação das relações de poder (SANTOS e IZUMINO, 2005).

## **1.2 Crianças: sujeitos Históricos-Culturais**

A ideia de infância como conhecemos hoje, com a existência de uma concepção de “natureza infantil” universal e inquestionável, também precisa ser problematizada à luz de um movimento histórico. Essa concepção de infância surgiu simultaneamente ao sentimento de família e ao desenvolvimento da educação escolar. Tais transformações deram-se a partir do avanço das relações sociais de produção da sociedade industrial. Anteriormente a isto, a duração da infância se limitava ao tempo em que esta precisava de cuidados físicos necessários à sua sobrevivência. Garantido esse cuidado, a criança passava a conviver diretamente com os adultos, compartilhando suas atividades

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais ou Transgêneros, mais todas as possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero.

e aprendendo seus valores e costumes a partir do contato direto com a experiência (MIRANDA, 1984). Na modernidade, com a ascensão da sociedade capitalista, a concepção de criança mudou. Os pais começaram a se preocupar com a educação formal, e às escolas foram delegadas a função de socialização – admitia-se que as crianças não eram preparadas para a vida adulta. Para tanto, se proporcionou um ‘mundo’ próprio infantil que necessitava do controle familiar e/ou institucional rígido e totalitário para estabelecer regras e normas da sociedade vigente (BOTO, 2002 apud PELOSO, 2013).

De acordo com Peloso (2013), na passagem da Idade Média para a Idade Moderna a sociedade começou a se organizar a partir de um novo modelo, e a criança passou a representar o projeto desse ‘novo homem’. Nessa perspectiva a criança não é entendida como *alguém que é e está sendo*, mas como uma projeção do adulto, que só será alguém completo na maturidade; ou seja, ela é percebida pelas suas faltas e carências.

[...] perdeu [a criança] a possibilidade de opinar sobre decisões que lhe diziam respeito, foi excluída do processo de produção, as festas e jogos foram diferenciados, restando à criança a condição de mera consumidora de bens e ideias produzidas exclusivamente pelos adultos (CHARLOT, 1971 apud MIRANDA, 1984, p. 127).

A crença em um modelo único de infância tornou possível o pensamento de que todas as crianças teriam as mesmas condições e qualidade de vida e ensino (DE ANGELO, 2008 apud PELOSO, 2013). Segundo Miranda em ‘Psicologia Social: o homem em movimento’, “falar do que é natural na criança supõe a igualdade de todas as crianças, a idealização de uma criança abstrata” (1984, p. 129). Vistas como sujeitos homogêneos, não se compreende as diferentes classes sociais que elas estão inseridas, os privilégios, a infância diversificada e multicultural como determinante no processo de desenvolvimento.

Todavia a criança, desde o seu nascimento, está em processo de socialização e, portanto, ela é “produtora de cultura, constituída a partir de sua classe social, etnia, gênero e com diferenças física, psicológicas e culturais” (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 71) – aspectos estes que determinam as suas condições de ser social. Mesmo assim a ênfase na natureza infantil

encontrou o seu fundamento no processo de desenvolvimento biológico (características anatômicas e fisiológicas), que é parte da formação do indivíduo, mas não representa toda a sua realidade, dado que a formação biológica da criança sofre influência da sua condição de ser social, e contextos culturais e econômicos diferentes produzem entendimentos diferentes sobre a categoria – “Não existe, portanto, uma natureza infantil, mas uma condição de ser da criança, [...] produzindo uma realidade concreta.” (MIRANDA, 1984, p. 128).

Superando a concepção da criança como sujeito não histórico, impotente, homogêneo e indisciplinado, a observação e teoria histórico-cultural a concebe como sujeito ativo e criativo, capaz de explorar o ambiente, cultivar relações humanas e explicar os fenômenos que vivencia. Na transição do período pré-escolar da criança para a fase subsequente do desenvolvimento da psique infantil, a presença de outras crianças é fundamental. A questão é que agora não existem apenas deveres para com os pais e professores, mas obrigações para com a sociedade. Todo o seu sistema de relações é reorganizado e o futuro dela começa a se fazer presente dentro da sua atividade humana. O cumprimento desta etapa e o seu conteúdo vai depender das condições de vida e do papel social que ela exerce dentro daquela sociedade (LEONTIEV, 1988). É em função disso que essa pesquisa foca as crianças em idade escolar. Tal visão, na perspectiva vigotskiana, “contribui para uma criança rica em potencialidade e competências, [...] para se engajar no mundo da cultura, historicamente constituído” (SOUZA, 2007, p.122).

Ouvir as crianças é buscar uma possibilidade de compreender a sociedade, porque esta não é formada apenas por adultos, para os quais se valoriza a expressão de suas ideias, mas também pelas crianças e pelos sentidos atribuídos por elas à realidade (KRAMER, 2002; PINTO, 1997 *apud* COUTINHO; NATIVIDADE; ZANELLA, 2008, p. 10).

### **1.3 A leitura materialista histórica dialética na perspectiva da psicologia sócio-histórica**

Como aporte teórico desta pesquisa, adotarei a psicologia Sócio-Histórica que tem como base a Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky e fundamenta-se no marxismo como leitura do mundo pautada no materialismo histórico

dialético (BOCK, 2007). Segundo Bock (2007), a Psicologia Sócio-Histórica carrega a possibilidade de crítica, uma vez que ela concebe o indivíduo como ativo, social e histórico:

a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que expressam nas ideias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer do homem, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a psicologia (BOCK, 2007, p. 18).

A Sócio-Histórica nasce com a crítica a modelos de ciências positivistas, que se constitui no observável; mecanicistas, acreditando no funcionamento regular no mundo através de leis que poderiam ser conhecidas; e deterministas, que acreditam na relação de causa e efeito como passíveis de sistematização pela razão humana. Essa leitura reducionista do ser humano e do mundo contribui para uma visão dicotômica da realidade, como se as divisões indivíduo/sociedade, objetividade/subjetividade, interno/externo fossem claras e não se constituíssem mutuamente (Idem, 2007).

Como decorrência da crítica, a metodologia na produção de conhecimento da psicologia, nessa perspectiva, se propõe a mediar o método materialista dialético e os fenômenos psíquicos. O método, para além de sua função instrumental, abre discussão não só para o estudo das relações entre sujeito/objeto como também para a constituição do próprio sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2013). Para dar conta da complexidade do que é o objeto da psicologia, precisamos estudá-lo em seu processo histórico, o que implica na impossibilidade de ser alheio a uma determinada concepção de mundo e de sujeito que, “constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção.” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301).

De acordo com Maria da Graça Gonçalves (2007), a existência humana é produzida na e pela atividade social, como forma de atender às suas necessidades. As ideias e conhecimentos produzidos pelo indivíduo têm base material e refletem a realidade de um momento histórico específico em um

“processo contínuo de relação, que ocorre de forma dialética, expressando a unidade contraditória entre real e racional, numa perspectiva materialista” (p. 39).

O indivíduo que surge com o crescimento do capitalismo é um indivíduo supostamente possuidor de livre-arbítrio, capaz de decidir o seu futuro, em acordo com uma sociedade mercadológica e liberal onde todas as pessoas são livres e iguais para concorrer. Em contradição, o mesmo sujeito livre, precisa ser treinado e controlado para estar a serviço do capital. Não à toa, a ciência da modernidade se construiu em um exagerado pragmatismo instrumental, inclusive, a Psicologia aplicada na educação e nas indústrias (GONÇALVES, 2007). Assim, a propagação de uma concepção específica do sujeito direciona o desenvolvimento da experiência humana de acordo com as estruturas de poder.

Em um mesmo momento histórico que se deu ênfase ao sujeito e à sua subjetividade, contraditoriamente, valorizou-se a objetividade do conhecimento e submeteu-se a subjetividade ao controle do método. A modernidade, então, não só coloca a relação da objetividade e subjetividade em questão, como também apresenta a possibilidade de superação pelo estudo do pensamento dialético (GONÇALVES, 2007). Para tanto, a apresentação da categoria mediação se faz necessária para romper com as visões dicotômicas, imediatas e naturalizantes.

A mediação é “uma instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; a partir daí o conceito designará um elemento que viabiliza a realização de outro que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude” (SEVERINO, 2002 apud AGUIAR; OZELLA, 2013). A mediação é, portanto, uma abstração que permite organizar e olhar para objetos/processos ausentes até então, fugindo de explicações mecanicista de causalidade, revelando relações contraditórias e indicando que nada é isolado, mas sim que estamos em constante relação construtiva. (CURY, 1985 apud AGUIAR, et.al, 2009). Essa categoria, articulada com outras que ainda serão discutidas aqui, revela a totalidade concreta histórico-social que está sempre em movimento, implicando nas relações entre a parte e o todo e o singular e o plural.

É a historicidade que nos permite apreender estes movimentos dos processos históricos e da materialidade, essenciais para a desnaturalização dos fenômenos sociais.

‘O que é’ deixa de ser a pergunta principal para dar lugar a questão de ‘como surgiu’, ‘como se movimentou e se transformou’ [...], ou seja, não se trata de um movimento sem rumo, indeterminado, desgovernado, mas de um movimento determinado por relações de forças que se constituíram no decurso da existência de tal objeto, sem que isso signifique um determinismo histórico. (AGUIAR; OZELLA, 2013 p. 303).

Nossa função, portanto, é compreender as mediações sociais constitutivas do sujeito, possuindo uma visão desnaturalizante e não imediata, abandonando as explicações reducionistas, e ir em busca dos processos, do não dito, do sentido.

#### **1.4 Dimensão subjetiva, sentidos e significados**

A linguagem é meio fundamental pelo qual o ser humano se constitui como sujeito, atribui significados aos eventos e aos objetos, e torna-se um ser histórico e cultural (COSTAS; FERREIRA, 2011). A linguagem é par dialético (unidade de contrário) do pensamento, ela não é, portanto, a transposição exata do pensamento, mas a mediação entre o interno e o externo (AGUIAR, et.al, 2009). Ao passar por esta transformação, o pensamento se reestrutura e modifica, se realizando na palavra (VYGOTSKY, 1934 apud BARROS at.al, 2009).

Wanda Aguiar e Sergio Ozella (2013) nos dizem que os signos são meios de contato com o mundo externo e que são conseqüentemente a representação do objeto na consciência pela palavra, constituindo uma forma de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito. “Assim, os signos, instrumentos psicológicos, são constitutivos do pensando não só para comunicação, mas como meio de atividade interna” (p. 303). Sendo assim, para que se possa compreender o pensamento e seu movimento, temos que analisar o seu processo expresso na palavra (signo por excelência). Conclui-se, então, que pensamento e linguagem não têm outra relação se não a de mediação; ao mesmo tempo que não se confundem, não podem ser pensadas isoladamente.

O pensamento passa, portanto, por muitas transformações para ser expresso em palavras, de modo a concluir-se que a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e o sentido. Dessa forma, podemos afirmar que a compreensão da relação pensamento/linguagem passa pela necessária compreensão das categorias significado e sentido. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 304).

Segundo Vygotsky (2001 apud AGUIAR; OZELLA, 2013), o significado, no campo psicológico, é uma generalização e um conceito, é o que internalizamos. O indivíduo, através da significação, tem o poder de transformar o natural em cultural, ou seja, os significados são produtos históricos e sociais também. Apesar de mais estáveis, os significados se transformam no movimento histórico e permitem a comunicação e socialização, alterando, conseqüentemente, a relação que mantém com o pensamento. Portanto, “os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades” (p. 304). Por meio de interpretações e análises, podemos caminhar para uma área mais instável, fluida, ampla e subjetiva dos significados, que é a área dos sentidos.

Os sentidos têm caráter simbólico, - o símbolo é, aliás, o mediador da relação sujeito/mundo. Constituídos nas práticas sociais, eles se alteram segundo essas relações e as evoluções do grupo através da articulação dialética da história de produção do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito (BARROS et.al, 2009). Por conseguinte, o sentido é um instante que “não tem a estabilidade de um significado, pois mudará sempre que mudarem os interlocutores, os eventos. Tem caráter provisório e é revisitado e torna-se novo sentido em uma situação nova.” (COSTA; FERREIRA, 2011 p. 216). Segundo Rey (2003 apud AGUIAR; OZELLA, 2013), o sentido subverte ao significado pois diz respeito às necessidades que mobilizam o indivíduo. Ele é uma forma singularizada, porém socialmente constituída.

Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. A palavra incorpora, absorve de todo o contexto com que está entrelaçada os conteúdos intelectuais e afetivos e começa a significar mais e menos do que contém o seu significado quando a tomamos isoladamente e fora do contexto: mais, porque o círculo dos seus significados se amplia, adquirindo adicionalmente toda uma variedade de zonas preenchidas por um novo conteúdo; menos, porque significado abstrato da palavra se limita e se restringe àquilo que ela

significa apenas em um determinado contexto. (VYGOTSKY, 1934 apud BARROS et.al, 2009, p. 179).

Sintetizando, o sentido é o que mais se aproxima da dimensão subjetiva da realidade pautada na realidade objetiva; é a unidade da soma de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos. E, por subjetividade, estamos entendendo a possibilidade de organização das experiências humanas convertidas em sentidos.

## **2 OBJETIVO GERAL**

Esse trabalho pretende pensar os sentidos e significados produzidos por crianças em idade escolar sobre as questões de gênero a partir do entendimento do que é “ser uma menina” e “ser um menino” na visão delas; buscar-se-á compreender, a partir de suas experiências, como as crianças vivem a desigualdade de gênero, reconhecendo tanto sua singularidade quanto o contexto social em que ela se constitui.

### **3 MÉTODO**

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir do embasamento teórico da Psicologia Sócio-Histórica. O foco da pesquisa qualitativa é dar maior visibilidade para o objeto pesquisado, e a construção de significados por parte dos sujeitos, suas vivências, e como as percebem (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Estes procedimentos não visam um resultado específico prévio, ele vai sendo construído, indo além das aparências do que está sendo comunicado. A partir do ponto de vista do sujeito, se obtém a compreensão do fenômeno e dos processos envolvidos (MOON, 1990)

#### **3.1 Participantes**

A pretensão inicial, era entrevistar 4 crianças de escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo para apreender a diversidade da experiência do 'ser menina' e 'ser menino'. Porém, com crise da pandemia do COVID-19, e suas consequências quanto ao contato e isolamento social – além das mudanças no cronograma do curso de Psicologia –, resolveu-se conjuntamente com a orientadora responsável da pesquisa Flavia Arantes Hime, simplificar o processo e diminuir a quantidade de sujeitos a fim de dar continuidade ao trabalho sem maiores prejuízos. A primeira entrevista foi feita seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde, utilizando máscaras protetoras, higienizando o material (lápiz de cor, borracha e apontador) e respeitando a distância física entre os participantes. A segunda entrevista foi realizada por telefone; primeiro, o material do desenho foi enviado por intermédio da mãe da criança com uma carta contendo as instruções e o termo. Posteriormente esse material foi devolvido com os desenhos feitos e o termo assinado.

Os participantes desta pesquisa foram encontrados a partir de contatos em comum. Os critérios para inclusão foram: crianças, na faixa etária de 7 a 12 anos, matriculadas no ensino fundamental na cidade de São Paulo.

O primeiro participante é João, menino branco de 7 anos de idade, classe média baixa, estudante do 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública da cidade de São Paulo, bairro da Sapopemba. Mora a mãe, e com um casal de irmãos mais velhos. A segunda participante é Maria, menina negra de 10 anos de idade, classe média baixa, estudante do 5º do Ensino Fundamental I de uma escola pública da cidade de São Paulo, bairro Jardim Vista Alegre. Mora em uma casa com sua mãe.

As faixas etárias, apesar de serem um pouco distantes se pensadas segundo os estágios do desenvolvimento infantil, e das dinâmicas do ensino escolar, estão adequadas ao objetivo da pesquisa uma vez que nestas idades as crianças já estão habituadas com diversos convívios sociais para além dos familiares - principalmente as relações constituídas dentro da escola, com colegas e professores.

### **3.2 Instrumentos**

A entrevista semidirigida foi o instrumento escolhido para a realização desta pesquisa, pois ela tem como vantagem a interação entre o entrevistador e o entrevistado, permitindo que se toque em assuntos possivelmente delicados. Desse modo, visa-se uma investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos participantes, que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos (BONI; QUARESMA; 2005). Além disso, a entrevista semidirigida explora a percepção e os sentidos de si elaborados pelos sujeitos, suas crenças, valores, e motivação em relação às condutas da pessoa em contextos específicos (SOUZA; BRANCO; OLIVEIRA, 2008)

A fim de orientar a condução da entrevista, propõe-se um roteiro (Apêndice A) composto por duas etapas.

- a) Produção de desenhos (Anexo A): com a finalidade de contextualizar a entrevista e criar vínculo, foi pedido para que os participantes fizessem dois desenhos, um que representasse o que é ser menina, e outro o que é ser menino. O desenho se constitui como linguagem gráfica, que surge tendo por base a linguagem verbal – ambas, a

linguagem e o desenho, são configuradas dentro de uma cultura que contém nessas atividades uma forma de expressão do modo como leem a realidade, assim como a expressão da imaginação criadora do homem (VYGOTSKY, 1991; SILVA, 1998 *apud* COUTINHO; NATIVIDADE; ZANELLA, 2008). O desenho também é constituído social e historicamente, sendo assim, é frutos da experiência da criança com os objetos reais mediados pela palavra, e pela interação com o outro e, por meio dele, o pensamento e a emoção se objetivam (COUTINHO; NATIVIDADE. ZANELLA, 2008). Ler um desenho não é simples, posto que os signos traçados não dizem nada por si só. A leitura precisa proceder da escuta daquele que desenha, o que não raro somente pode ser feito com o auxílio da palavra (Idem, 2008, p. 12).

- b) Entrevista semidirigida propriamente dita: perguntas relativas a gênero, do que é ser um menino e uma menina, suas diferenças e semelhanças.

### **3.3 Procedimentos**

Os participantes foram contatados pelo método da bola de neve, um tipo de amostragem não probabilística que se utiliza de cadeias de referência. A partir de um contato inicial, localiza-se possíveis colaboradores com o perfil necessário para a pesquisa, através de indicação (VINUTO, 2014). Como não se pretendia realizar a pesquisa por intermédio de uma instituição escolar, e gênero se constitui como um tema delicado para muitas pessoas, este procedimento se adequa ao presente estudo.

Inicialmente, foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores (Apêndice B), explicando aos colaboradores o tema e o objetivo do estudo, assim como assegurando a interrupção e retirada de uma participação na pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos ou ônus. Depois dos esclarecimentos de todas as dúvidas dos participantes, iniciamos o encontro.

O primeiro encontro foi feito com João, no local de trabalho da mãe dele; todo o processo foi gravado, com permissão da responsável e consentimento da criança. O segundo encontro foi realizado por telefone com Maria, e o material de desenho, junto com o termo de consentimento, foi dado para a mãe em seu local de trabalho, e devolvido pela mesma; a ligação foi gravada e consentida por todos.

A duração média da entrevista com ambos participantes foi em torno de 1 hora e 30 minutos.

### **3.4 Procedimento de análise de resultados**

A escolha de procedimento de análise é através dos *núcleos de significação*, que tem como foco o discurso do sujeito. A partir do que foi dito na entrevista, buscamos apreender aquilo que não foi dito, o pensamento, as contradições, e os processos de constituição dos sentidos. Depois de diversas leituras do material transcrito na íntegra (Apêndice C), destacamos os conteúdos das falas que demonstram maior carga emocional ou ambivalência; esses conteúdos são chamados de pré-indicadores, que compõem ampla possibilidade para organização dos núcleos. Para selecionar os pré-indicadores, verifica-se a importância da fala para a compreensão do objeto da investigação (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Seguindo o processo de análise, é feita uma aglutinação dos pré-indicadores por similaridade, complementaridade e/ou contraposição. “Porém, o avanço em direção à apreensão da totalidade só se efetivará quando essas partes/recortes forem integrados novamente ao todo, no movimento histórico de seu processo de constituição” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 309); ou seja, os indicadores só adquirem significado no seu movimento articulado com a totalidade dos conteúdos. Selecionados os trechos que ilustram e esclarecem os indicadores, é o momento que aponta para o início da nuclearização.

Com a aglutinação resultante, inicia-se o processo que consistirá na nomeação e organização dos núcleos de significação. Os núcleos precisam sintetizar as mediações construtivas do sujeito, que revela seu modo de pensar, sentir e agir, além de serem pontos fundamentais de determinações constitutivas

(AGUIAR; OZELLA, 2013); assim, “por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria – avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido” (p. 310). Recorrendo a Wanda Aguiar e Sérgio Ozella (2013), a análise propriamente dita se dá por um processo intranúcleo, avançando para uma articulação internúcleo em um método empírico-interpretativo desde início.

### **3.5 Considerações éticas**

A pesquisa foi realizada de acordo com os requerimentos éticos em pesquisas envolvendo seres humano preconizados pela Resolução CONEP N° 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012 complementada pela 510/2016 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. As resoluções atendem as exigências éticas, através do respeito dos princípios e critérios disciplinados pelos textos normativos do Brasil de autonomia, beneficência, não-maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores consta em apêndice (Apêndice C).

Após a aprovação do projeto pelo CEP, a pesquisa se iniciou. Aos participantes se garantiu o anonimato e a retirada da participação a qualquer instante, preservando suas identidades. A gravação e transcrição das entrevistas também foi esclarecido antes dos encontros, e foram consentidos e assinados no termo.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentadas as análises e interpretações produzidas por meio das dinâmicas de conversação realizadas com os dois colaboradores da pesquisa, João e Maria. A partir dos núcleos tenta-se compreender os significados e sentidos de gênero, através de perguntas sobre o que é ser uma menina e o que é ser um menino para essas crianças. São três os núcleos de significações finais: as meninas e os meninos; quem sou eu; e o preconceito das outras pessoas.

### 4.1 Núcleo 1 – As meninas e os meninos

Os gêneros são significados pelo meio e pelo indivíduo como contrários um do outro. Visto como um sistema binário, as tarefas, obrigações, comportamentos e brincadeiras são socialmente separadas e naturalizados como ‘coisas de menino’ e ‘coisas de menina’.

#### 4.1.1 O que João diz

Logo na primeira instrução para desenhar o que é ser uma menina, João diz que não sabe fazer o cabelo e que talvez não conseguisse fazer – a aparência externa aparece como primeiro fator de diferenciação de gênero. Ao representar a imagem feminina, os elementos colocados na figura são: coração com coroa e asas; *emoji* apaixonado com coração nos olhos; *emoji* sorrindo em um balão de pensamento. Não podemos fazer análises de desenho através dos elementos isolados, mas os *emojis* são expressões de sentimentos e humores humanos usados no meio virtual. O coração especificamente é uma alegoria visual e simbolismo coletivo, da percepção social tradicional das mulheres como mais sentimentais, em contraposição com os homens, mais racionais e violentos (bimodalidade). João mesmo confirma a hipótese mais ao final da conversa:

R: João, só mais uma dúvida, eu tava vendo o seu desenho da menina e eu queria saber por que você desenhou um coração aqui

J: Porque faz parte dela, é o coração dela. Menina é sentimental

R: Você acha que menina é mais sentimental que menino?

**J:** Muito. Mais nervosas

**R:** Será?

**J:** Não. Menino é um pouco [nervoso]. Teve um dia quando meu irmão tava bravo com o pai dele, ele tava na casa de uma amiga nossa né? Ele deu um soco na parede e quebrou. Agressivo

Apesar dos corações, as meninas são sentimentais pois são mais nervosas. Mas isso também não é algo apenas delas, uma vez que João ao pensar um pouco mais sobre o assunto diz que os meninos também são, dando exemplo do irmão.

Ao conversarmos sobre do que as meninas brincam e o que fazem, João alega que as meninas só pensam em boneca e Lol (um tipo de boneca com marca registrada) porém, isso não é totalmente verdade também à medida que conta sobre sua namorada

**J:** A minha única namorada não pensa em Lol [...]

**R:** Ela não gosta de brincar de Lol?

**J:** Não! [...] Gostava de brincar de boneca e boneco. [...] A gente brincava de cola. [...] É a única menina que brinca de cola, [...] a gente brinca de tapa na cara, [...] e boneca

Embora afirme categoricamente que as meninas só pensem em bonecas, a relação com sua namorada mostra pela prática que a atividade de uma menina pode ser muito mais abrangente – João distingui as meninas como grupo, e a menina-namorada como indivíduo singular. Sua namorada brinca com ele das mesmas coisas que ele brinca com seus amigos meninos, inclusive de “tapa na cara” e jogos de tiro no celular como *Free Fire*,

**R:** Você já jogou [Free Fire] com sua namorada?

**J:** Joguei. [Ela é] Boa! [...] Ela matou certinho, todo mundo. Acabou com ele. Ela tá na platina

A descrição da relação com sua namorada é muito semelhante a uma amizade, ele não traça qualquer diferença com suas outras relações. A menina como parceira romântica aparece durante a conversa com frequência quando João é perguntado sobre as meninas, desviando muitas vezes da pergunta:

**R:** [...] E você acha que ela [a namorada de João] como menina tem semelhança com você?

**J:** Como assim semelhanças?

**R:** Coisas que são iguais ou parecidas

**J:** Tem um amigo né, que ele tá tentando arranjar uma namorada pra namorar com ele, ele tava faz tempo, até em 2019. Aí ele [...] arranjou a namorada em um dia e no outro dia a namorada terminou com ele.

Aí ele tá tentando arranjar, aí a escola parou [devido à pandemia] ... não tem como eu ajudar

Apesar da idade de João, é interessante notar que o conceito do que é ter uma namorada ou o que é gostar de uma menina é vago – mesmo quando tenta explicar o que faz um menino gostar de uma menina –, nunca colocando-as como amigas.

**J:** Teve um dia, que uma pessoa gostou de mim. Aí eu olhei pra ela assim óh, normal. Ela olhou pra luz, aí o olho dela brilhou e ficou azul sei lá. Eu fiquei assim óh [arregalou os olhos]. Aí... ela olhou pra mim, eu tava fazendo minha lição. Aí, que foi mesmo? Aí ela... não lembro

Apenas meninos são citados por João como sendo seus amigos.

**R:** E com seus amigos? Do que você brinca?

**J:** De cola. [...] Tem o Cauã, tem o Arthur, tem o Breno e tem o Luan. Meus melhores amigos.

Quando foi pedido para João desenhar o que era ser menino, ele devolve com uma pergunta: “Jogando bola?”. Helena Altmann (1998 apud SANTOS; FURLAN, 2008) vai nos dizer que o esporte é culturalmente construído como uma expressão de práticas sociais masculinas, tendo suas variações, diferenças e singularidades de acordo com a modalidade, sendo o futebol considerado como um dos mais masculinos em sua constituição histórica.

O desenho de João acaba por ser um menino empinando pipa. Na roupa, está representado segundo a criança, “um controle remoto que controla a terra, água e fogo”. Os desenhos foram usados como facilitadores da conversa com a criança, e não é a pretensão interpretá-los a fundo, apesar das várias ferramentas que a Psicologia oferece para esse tipo de análise.

Ao conversar sobre coisas que meninos fazem que meninas gostariam de fazer, e vice e versa, João tem respostas confusas, mas durante a sua fala conta como são os meninos dentro da sala de aula:

**J:** Os meninos lá da minha escola são relaxados, deixam coisa espalhada pelo chão, deixam cola espalhada pelo chão  
[...]

**R:** E as meninas são como na sala?

**J:** São normais, fazem tudo direitinho. Eu sou o único que não sou relaxado

**R:** O único menino?

**J:** Aham [em positivo] [...]. Lá na escola eles colocam os brinquedos juntos porque não dá pra separar, senão os meninos vão deixar tudo jogado.

O comportamento dos meninos é posto como o contrário do comportamento das meninas; eles são relaxados e as meninas fazem tudo direitinho. A explicação de João para não se separar os brinquedos na escola é porque se fossem separados, os brinquedos dos meninos ficariam jogados. A partir da fala de João é possível pensar que, estando os brinquedos das meninas junto, as meninas atuam como um elemento organizador daquele ambiente. Como discutido anteriormente sobre as questões de gênero, organizamos nossos afazeres e nossos trabalhos segundo essa distinção, pois existem comportamentos adequados esperados e aceitos pela sociedade para cada um. No caso, as mulheres responsáveis pelo espaço privado, e os homens alocados no espaço público, numa relação de poder. Porém, isso não é dado e nem é regra, uma vez que até mesmo João reconhece não se enquadrar neste padrão, ele é o único dos meninos que não é relaxado.

Em alguns trechos da conversa também podemos perceber uma certa violência nas brincadeiras presentes neste universo masculino circunscrito por João, como por exemplo a brincadeira de tapa na cara (apesar de compartilhar essa atividade com a namorada também) e a brincadeira de soco entre os amigos.

**R:** E do que você brinca com seus melhores amigos?

**J:** A gente brinca de... as vezes... as vezes... eles se socam

João diz que meninos também brincam de boneca, contudo...

**J:** Os meninos também brincam de boneca, mas de bebê, de boneca bebê. Ai todo mundo pega pelas cabeças, estoura, ai pinta. Fica uns monstros. Eu não gosto de boneca, dá medo

À medida que a criança cresce e, por meio de brinquedos e brincadeiras que trazem uma variedade de significados acerca do que é socialmente aceito, elas aprendem a diferenciar as atitudes, gestos e gostos designados e tipificados para o masculino e o feminino – para os meninos brincarem de boneca, elas são transformadas em monstros e diferenciada da brincadeira de boneca das meninas. De acordo com Vygotsky (1998 apud LUCCHINI, 2008 p.122) “a essência da brincadeira é a criação de uma relação entre o campo de significado e [...] as situações no pensamento e o campo da percepção”. Sendo assim, os brinquedos se tornam um recurso importante de interação e aprendizado dos

códigos sociais, sendo o meio pelo qual a criança aprende a lidar com seus sentimentos também. Portanto, os meninos aprendem a valorizar e a praticar atos violentos, não podendo expressar os sentimentos – o que seria uma prerrogativa feminina, desqualificadora do homem.

#### **4.1.2 O que Maria diz**

Maria começa contando que se empolgou mais ao fazer o desenho dos meninos do que das meninas:

**M:** Ah, o desenho dos meninos eu me empolguei um pouco mais, mas o desenho das meninas, eu não gostei do desenho das meninas particularmente [...] porque eu ia fazer um monte de coisa, mas aí deu um branco na cabeça aí eu não gostei do desenho

No desenho do que é ser menino, Maria fez um menino jogando bola, dois empinando pipa, dois jogando no celular e dois brigando. Assim como na conversa com João, o esporte e a violência aparecem representados no universo masculino. No desenho do que é ser menina, Maria as fez estudando dentro da sala de aula com a professora, comendo no intervalo, uma mulher dirigindo dentro de um carro com som e outras meninas, e uma menina em casa lavando a louça e cuidando do cachorro. Ao perguntar por que as meninas fazem tudo isso, Maria responde:

**M:** Porque é o dia-a-dia que eu vejo, sabe? Na escola tem uma hora que é intervalo, tem hora que não, tem dia que... Eu lavo louça né? Eu cuido do meu cachorro, eu vejo mulheres dirigindo tipo a tia da perua, ela dirige e às vezes é o tio da perua. É por isso

A criança, por meio da linguagem, aprende a se comunicar com o outro a respeito do mundo que a cerca e que influencia seu pensamento, aprendizado e desenvolvimento segundo sua experiência – não à toa, Maria durante a explicação, se coloca como exemplo. Ao falar, reproduz também a comunidade à qual ela pertence, e todo este processo de reprodução das relações se constrói nas suas representações sociais (LANE, 1984). Mas, “representar uma coisa (...) não é com efeito simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retocá-la, modificar lhe o texto” (MOSCOVICI, 1976 apud SPINK, 2004, p.34).

Tanto é verdade que Maria, depois de desenhar o que diz ser o dia-a-dia das meninas, manifesta um desejo de ter colocado outra coisa no papel:

**R:** Então se você pudesse desenhar o das meninas de novo, o que você desenharia?

**M:** Eu ia desenhar um monte de menina jogando futebol

Maria representou os meninos jogando futebol, mesmo dizendo ao longo da entrevista que era uma de suas brincadeiras preferidas. O branco na cabeça que lhe deu, o desagrado com o desenho das meninas e a sua reformulação posterior revelam um conflito entre a representação usual do que é ser uma menina e com o que de fato ela se identifica e observa.

**R:** Você acha que menina tem brincadeira diferente de menino?

**M:** Não, não muito. Menina pode brincar de brincadeira de menino por exemplo, tem mulher que joga futebol

Sobre as brincadeiras de meninas, diz que não é muito diferente dos meninos, ainda que classifique e as diferencie por gênero. Acaba por exprimir em sua fala uma contradição que reforça justamente aquilo que crítica ao longo da sua fala: meninas também jogam futebol, ela própria gosta de futebol, mas futebol é brincadeira de menino.

Maria atribui à vida das meninas e das mulheres as obrigações, regras e responsabilidades relativas ao espaço privado, como o cuidado da casa, em antagonismo com os homens que segundo ela, tem uma vida mais fácil pois não precisam seguir regras “pesadas” como elas.

**M:** Vida de homem é mais fácil

**R:** Mais fácil como?

**M:** Não precisa ter muita obrigação, não precisa chegar na hora certa em casa. Mulher já tem que chegar

**R:** Por quê?

**M:** Porque tem mulheres que tem filho e o pai não tá presente. Tem criança que mora com os avós e os avós cuidam e o marido, ou aconteceu alguma coisa, ou o marido trabalha e tá longe

**R:** E você acha que tem mais alguma desvantagem em ser menina além das que você me falou agora?

**M:** Não, eu acho que é só essa... tem mulher que tem... como eu posso explicar? Tem mulheres que sai porque às vezes não tem filhos, ou as vezes tem filho também. Mas as mulheres têm direitos iguais só que tem umas regras mais... pesadas, vamos dizer assim.

A crescente conquista e inserção das mulheres no mercado de trabalho e participação no sustento econômico do lar não acompanham lado a lado a

mudança nas divisões de tarefas domésticas, criação e educação dos filhos. A velocidade desproporcional destas mudanças se expressa de diversas maneiras, e uma delas é quando o trabalho doméstico continua sendo denominado e designado frequentemente como “trabalho de mulher” (WAGNER *et al.*, 2005). Embora a criança não seja mera reprodutora dos modelos familiares e sociais, e tenha um papel ativo na sua própria socialização, ao observar os comportamentos sociais e ouvir os que a cercam, ela apreende, inevitavelmente, várias representações de papéis sociais de gênero.

Maria reconhece que existem diferenças e semelhanças entre meninos e meninas, mas não consegue dizer o porquê.

**R:** [...] você consegue me falar semelhanças entre meninos e meninas?

**M:** Um pouco porque, sobre trabalho, homem pode ser advogado e mulher pode ser advogada. Um policial, pode ser uma mulher e um homem, então eu não vejo muita diferença. Só muda a diferença que eles são homens, ou meninos, e por exemplo, eu sou uma mulher, uma menina.

**R:** E diferença? Você acha que tem diferença entre você e um menino?

**M:** Só um pouco. Como posso explicar? Perai. Eu vejo diferença porquê... porque tem menino bagunceiro, tem menina bagunceira também... eu não sei explicar

A questão principal parece estar nas mediações entre os sentidos e significados das vivências de gênero. Os significados de ser um homem ou uma mulher mudaram ao longo da história e da cultura. Hoje as mulheres são reconhecidas como iguais perante a lei em seus direitos e obrigações (BRASIL, 1988), e assim sendo foram ocupando espaços antes só concedidos para homens brancos, como por exemplo, ser advogada e policial – como Maria nos exemplifica. Ela própria em duas ocasiões afirma que os direitos de ambos são iguais, e mesmo assim, algo que passa pelo campo da subjetividade a mobiliza a reconhecer que existem diferenças que não consegue descrever. Essas incongruências ou contradições podem ser vistas como uma das decorrências possíveis da superposição entre valores arcaicos e modernos, característica da sociedade brasileira (FIGUEIRA, 1987). De certa forma, essas diferenças do campo subjetivo e simbólico passa pela linguagem e compreensão dela ao afirmar que “vida de homem é mais fácil” e que “as mulheres têm direitos iguais só que tem umas regras mais... pesadas”. Aqui, pode-se pensar no acúmulo de

atividades relativas às mulheres: devem ser competentes profissionais, boas mães, esposas, donas de casa, cuidar da aparência etc.

## 4.2 Núcleo 2 – Quem sou eu

O que essas crianças entendem por ser uma menina ou ser um menino vai atravessar indiscutivelmente por suas próprias identidades. Essas identidades vão se confirmando no grupo social, principalmente através da atividade, ou sendo negadas em um processo cheio de contradições e conflitos.

### 4.2.1 Quem é João

É importante dizer que João se mostrou uma criança bem agitada e muito interessada no encontro, não demonstrando nenhuma dificuldade de estabelecer vínculo com a pesquisadora. Ele se levantava constantemente para beber água, e enquanto conversava se expressava com muitos movimentos corporais. Houve dificuldades em se manter ou aprofundar em um mesmo assunto, mas ele trouxe aspectos bem interessantes sobre si e necessários de serem discuti-los aqui.

João se considera um menino e responde de forma positiva quando perguntado se gosta de ser um, apesar de não conseguir explicar o porquê, e não completar a frase de forma coerente.

**R:** O que você acha legal de ser menino?

**J:** Eu acho legal é que você pode... não sei. Eu tô muito novo pra... desenhar. Ai eu não consigo desenhar

No entanto, chama atenção que é legal ser menino porque “você pode...”, revelando que à primeira vista, a distinção de gênero também é uma distinção do que se pode ou não fazer. No decorrer da conversação o “poder” aparece como formas cristalizadas de exercer a atividade, apesar dele mesmo transitar entre o que se estabelece como universo masculino e universo feminino – apontando para as zonas de sentido.

As brincadeiras de João consistem em empinar pipa, brincar de luta, tapa na cara, cola (aplica a cola transparente na mão e deixa secar) e jogos de celular como *Free Fire*. Conta que seus melhores amigos são o Cauã, Arthur, Breno e

Luan e que eles estudam juntos na mesma escola. Todos eles brincam “de cola” e as brincadeiras mais agressivas também parecem ser socialmente partilhadas com eles; porém quando explicita isso, muda da primeira pessoa do plural para a terceira, se excluindo da dinâmica:

**R:** E do que você brinca com seus melhores amigos?

**J:** A gente brinca de... às vezes... às vezes... eles se socam. São da mesma escola, da mesma sala que eu.

João diz que bonecas são as únicas coisas que as meninas pensam, mas frente à pergunta se ele gostava de brincar de boneca, fala pela primeira vez de sua namorada. Com ela, ele joga *Free Fire*, brinca de cola, de “tapa na cara” e inclusive de boneco e boneca. Apesar de suas falas, a relação com a namorada acaba por revelar certas contradições que mostram que, afinal, nem todas as meninas pensam só em boneca, e nem ele se limita apenas às brincadeiras compartilhadas com seus amigos meninos. A subjetividade só se constitui nas práticas sociais e, portanto, se modifica segundo as relações, os interlocutores e as experiências do indivíduo. Sendo sua namorada alguém que está junto das brincadeiras mais agressivas até as brincadeiras de boneca (consideradas de meninas), João pode ampliar suas atividades, e conseqüentemente os sentidos dados a sua identidade, mas não sem conflitos ou impasses.

**J:** [...] todo mundo tem preconceito lá na minha escola.

Todo mundo tem preconceito. De... alguém brincar de boneca... brincar de boneco... todo mundo tem preconceito. Mesmo se passar batom ou base, todo mundo tem preconceito

João conta então de um episódio ocorrido na sua escola onde ele se maquia “sem querer”:

**J:** [...] um dia eu fui lá [na escola] e eu sem querer eu passei, não batom vermelho, vermelho, vermelho, mas passei batom de leve. Aí passei um negocinho verde [aponta para a pálpebra] [...]. Passei a base né? Ai o batom, aí passei o negócio [sombra]. Aí minha professora achou lindo né? Ai todo mundo riu de mim. Fui lá, tirei.

[...]

**R:** Não teve nenhum amigo seu que gostou da sua maquiagem?

**J:** Só a minha namorada... e o Luan. Só isso.

Em cada contexto que o indivíduo se encontra, ele expressa sua identidade e pretende ser reconhecido como uma determinada pessoa, e é reconhecido ou não de acordo com o que os outros pressupõe ou esperam que

ele seja (LARA JUNIOR; LARA, 2017 p.4). João se reconhece como menino e é assim reconhecido pelo outros. Ao se maquiar (comumente considerado coisa de mulher), os colegas de classe riem e ele remove a pintura no rosto devido ao controle social. As consequências do riso produzidos naquele espaço mediam e traçam as desigualdades de gênero pela humilhação de um menino “fazendo coisas de meninas”. Os significados dessa situação se articulam com outros eventos psicológicos – como as brincadeiras, os vínculos de amizade e familiares – em uma relação dialética com a particularidade do sujeito que é atingido pelo mundo. Mas o sujeito também altera o mundo. Pelo discurso e pela fala, ele objetiva sua subjetividade e pode dar início, ou não, a transformação dos significados.

Os significados, apesar de serem mais fixos e estáveis do que os sentidos, também fazem parte de um movimento sócio-histórico e é por isso que jamais podemos analisar a fala independentemente do espaço que a produziu. Ao falar com vigor que meninas só brincam e pensam em boneca, João também está falando de uma experiência constituída no seu espaço social ao mesmo tempo que expõe as contradições presentes ali.

#### **4.2.2 Quem é Maria**

Maria se considera uma menina, mas...

**M:** É... não é que eu não gosto de ser menina, mas se fosse o caso de eu escolher pra mim nascer, [...] eu preferia nascer menino. Mas como Deus me fez assim, eu vou ter que ficar assim

Ao longo da conversa ela vai justificando a vontade de nascer menino, afirmando inicialmente que a vida deles é mais fácil pois não têm muitas obrigações, ao contrário das mulheres, com regras mais “pesadas”. Porém, Maria se identifica mais com as brincadeiras ditas de meninos e vai pensando o gênero a partir disto, expondo também os conflitos e as contradições.

**M:** Eu normalmente gosto de brincar de bolinha de gude. Por mim, eu empinaria pipa o dia inteiro. Jogo bola, brinco de bolinha de gude, brinco de boneca, brinco de um monte de coisa, de casinha...

[...]

**R:** E você gosta de brincar de boneca também?

**M:** Eu não, eu não gosto. Eu gosto de brincar mais, sabe? Acho que posso dizer que sou uma moleque porque as coisas que eu mais gosto

é de jogar bola e vôlei. [...] É bom, sabe? Tem coisa de menino que é bom

Ao mesmo tempo que se diz uma moleque, – julgamento social este, preconceituoso, e que busca adequá-la às expectativas da sociedade – em um outro trecho da conversa, ela vai falar que se fosse um menino não iria fazer coisas de menino, pois ela já joga bola sendo do jeito que nasceu. No entanto, essa fala sobre a Maria-menina-moleque parece algo internalizado a partir do que as outras pessoas dizem sobre ela. Maria diz que não se afeta com o que essas pessoas dizem, mas os significados rígidos de gênero presentes na sociedade como um todo articulam com o sentido que Maria dá a sua própria identidade.

**M:** [...] eu gosto do jeito que eu nasci. Só que se fosse pra nascer, eu queria nascer menino mas eu não ia querer fazer coisas de menino porque eu jogo bola, jogo esses negócios assim que é de menino, e as pessoas as vezes ficam falando e tal que menina não joga bola mas, eu não ligo sabe?

Não aceita totalmente como o ideal de menina, também não é aceita pelos meninos quando estes têm a hegemonia do seu espaço ameaçada por elas, como conta Maria em uma situação ocorrida na escola:

**M:** [...] um dia, eu tava na escola e um monte de menina queria jogar bola, mas os meninos não queriam que as meninas jogassem bola, e que as meninas tinham que ficar só no vôlei  
**R:** E o que vocês fizeram pra resolver isso?  
**M:** Falamos com o professor  
**R:** E ele deixou as meninas jogarem?  
**M:** Deixou, ele disse que as meninas tinham que jogar também e nós começamos a jogar  
**R:** Os meninos gostaram disso?  
**M:** Não  
**R:** Como eles ficaram?  
**M:** Chateados, vamos dizer. Porque pra eles isso não é esporte de mulher

Aqui, Maria reafirma a separação dos espaços por gênero, interesses e atividades. A partir das brincadeiras Maria significa e dá sentido às experiências de ser uma menina-moleque. Mas não é apenas por meio do brincar que ela faz isso; seus estudos também constituem uma peça importante. Maria diz estudar bastante pois deseja ser uma advogada – é importante atentar para o fato de ela recorrer ao mundo do trabalho para falar sobre gênero, e não à toa.

O trabalho figura como um fenômeno estruturante para a experiência subjetiva. Além de ser um veículo que propicia a satisfação das necessidades materiais, é um regulador da vida social e das relações interpessoais, produtor de cidadania, mecanismo regulador de temporalidade e espaços, fundamento de legitimação social, propiciador de contextos de afiliação, vinculação e interação social (AGULLÓ, 2001; ANTUNES, 2006; BLANCH, 1996, *apud* JÚNIOR; SOUZA, 2015 p. 141)

Apesar de ambos, homens e mulher, poderem fazer parte de uma mesma profissão, há atravessamentos desiguais que Maria consegue perceber.

**R:** [...] e você consegue me falar semelhanças entre meninos e meninas?

**M:** Um pouco porque, sobre trabalho, homem pode ser advogado e mulher pode ser advogada. Um policial, pode ser uma mulher e um homem, então eu não vejo muita diferença. Só muda a diferença que eles são homens, ou meninos, e por exemplo, eu sou uma mulher, uma menina. [...] As pessoas... tem homens que acham que mulher não pode fazer isso ou que mulher tem que ficar dentro de casa, tem que fazer as coisas e só eles podem trabalhar, ou mulheres não podem estudar, só os homens. [...] Uma mulher policial, delegada, as pessoas já falam que mulher não tinha que trabalhar disso, tinha que trabalhar de faxineira, trabalhar de telemarketing. As pessoas dizem que tem serviço essencial de mulher, e serviço essencial de homem

Novamente o conflito da ocupação de espaços por mulheres se apresenta. No discurso de Maria, todos podem ter habilidades, capacidades e desejos de serem e fazerem o que querem, e por isso são iguais, mas as outras pessoas – e mais especificamente os homens e os meninos – vão entrar em conflito direto com essa suposta igualdade dizendo que meninas não jogam bola e mulheres têm que ficar dentro de casa. A processo de objetivação da subjetividade por esse tipo de discurso é o que faz ser tão difícil para Maria explicar o porquê ela gosta de si mesma mas escolheria nascer um menino ao mesmo tempo.

**R:** E diferença? Você acha que tem diferença entre você e um menino?

**M:** Só um pouco. Como posso explicar? Peraí. Eu vejo diferença porque, porque tem menino bagunceiro, tem menina bagunceira também... eu não sei explicar.

### 4.3 Núcleo 3 - O preconceito das outras pessoas

As expressões e as diferenças individuais de cada um, quando desviam do padrão aceito socialmente para meninos e meninas, aparecem neste núcleo como alvo de preconceito das outras pessoas. Essas diferenças acabam por

criar relações desiguais, originando as violências simbólicas de gênero. O preconceito foi trazido de forma espontâneo pelas crianças, sendo identificado dentro do cotidiano e das vivências delas.

#### **4.3.1 O que diz João**

**R:** E você acha que menino pode gostar de menino também pra namorar?

**J:** Pode, se ele for... gay

**R:** E menina gostar de menina?

**J:** Também pode. Todo mundo tem preconceito lá na minha escola. Todo mundo tem preconceito. De... alguém brincar de boneca... brincar de boneco... todo mundo tem preconceito. Mesmo se passar batom ou base, todo mundo tem preconceito

O assunto sobre preconceito aparece na fala de João a partir da orientação sexual. Os meninos podem namorar meninos e meninas podem namorar meninas se eles forem gays. Eles podem, mas sofrem discriminação por isso. João emenda a fala com a escolha de brinquedos e o uso de maquiagem – se você for menino e escolher brincar de bonecas ou passar maquiagem... “todo mundo tem preconceito”. Qualquer comportamento ou escolha que desvie do padrão ou estereótipo, é alvo de violência.

Nas histórias de João, a escola é o ambiente onde essas situações ocorrem. As escolas são instituições responsáveis pela educação formal e pela socialização das crianças, e como tal, reproduzem a cultura, os valores, conhecimentos e violências presentes na sociedade (ALMEIDA, 2017).

No dia a dia, a violência também aparece através de diferentes formas de desrespeito físico, de discriminações e humilhações. Muitas vezes, ela assume formas sutis, dissimuladas. Existem formas de violência que constituem padrões tão arraigados de sociabilidade que, por vezes, são naturalizadas e quase invisíveis como tal.” (ALMEIDA, 2017, p. 4).

Foi o que aconteceu com João quando usou maquiagem. A professora achou lindo, mas seus colegas riram.

**R:** E se não tivesse preconceito, você acha que os meninos iriam gostar de se maquiar?

**J:** Iam. Se fossem meninas

[...]

**R:** Mas e se fossem meninos? E não tivesse ninguém que risse

**J:** Iam

Se não existisse preconceito e se as pessoas não rissem, os meninos gostariam de usar maquiagem. O gostar de algo e a expressão disso, é significado nas relações com os outros, atribuindo sentido para o sujeito. A violência simbólica pela humilhação do riso no caso de João, é significado através de “lam, se fossem meninas”. Apesar de ter se maquiado, apenas se ele fosse uma menina, ou se não rissem, é que ele poderia gostar. As possibilidades de ser alguém é sempre restringida e demarcada pelo gênero.

#### **4.3.2 O que diz Maria**

**M:** [...] as pessoas às vezes ficam falando e tal, que menina não joga bola mas, eu não ligo sabe?

**R:** E o que você acha dessas pessoas que ficam falando desse negócio que menina não pode jogar bola?

**M:** Eu particularmente acho que... não sei. As pessoas... tem homens que acham que mulher não pode fazer isso ou que mulher tem que ficar dentro de casa, tem que fazer as coisas e só eles podem trabalhar, ou mulheres não podem estudar, só os homens

**R:** E você acha isso errado ou certo?

**M:** Acho errado viu?

**R:** Acha né? Até porque você quer ser advogada

**M:** É! Então menina, tipo como se fosse preconceito, sabe?

A primeira vez que Maria dá nome ao preconceito para as situações que vive, é falando das brincadeiras, do estudo e do trabalho. Esses são pontos importantes que ela usa frequentemente para falar de si, e sobre gênero. As pessoas para Maria aparecem frequentemente como produtoras desse preconceito, ditando o que é uma atividade própria para meninas e o que é uma atividade própria para meninos.

**M:** Tem pessoas aqui na rua que se a menina empinar pipa, aí elas já começam a falar “nossa, empinar pipa não é pra menina, tem que brincar de boneca”, essas coisas

O que essas outras pessoas vão criticar também, e que Maria traça como preconceito, é o uso de certos tipos de roupas para cada gênero e os espaços/situações adequados para elas.

**R:** E dentro de casa, as mulheres sofrem preconceito também?

**M:** Um pouco, porque as mulheres pras pessoas não podem usar um short arrumando a casa. Não podem isso, tem que usar calça, tem que usar uma touca. Ou tem mulheres também que, como posso explicar? Eu não sei explicar. Eu tô pensando como que eu explico.

Maria ajuda no cuidado da casa e essa é uma das suas principais atividades agora que não está indo para a escola. Ela mora apenas com a mãe, logo, não há uma figura masculina que entre na dinâmica do espaço doméstico cotidiano. Talvez por isso ela esteja apenas reproduzindo um discurso e não consiga exemplificar claramente os motivos das mulheres não poderem usar shorts arrumando a casa – decorrente da visão sobre a mulher como objeto sexual, que precisa cobrir o corpo para não inspirar o desejo masculino, como se eles fossem predadores potenciais, e as mulheres, as vítimas a serem abusadas. Para tanto, recorre a uma vivência pessoal que ilustra o preconceito das outras pessoas quanto a escolha das vestimentas e os tratamentos diferentes para os meninos e meninas em relação a isso.

**M:** tem menina que gosta de usar umas coisas tipo menino, umas calças bem largas e uma blusa bem larga. Eu gosto de usar umas roupas mais largas, eu gosto particularmente. Mas tem gente que não gosta tipo, um dia a professora chegou pra mim e falou assim que mulher não pode usar roupa larga, tem que usar roupa justa

O papel do professor como mediador entre a dimensão subjetiva dos eventos psicológicos e as situações cotidianas são fundamentais para a transformação da realidade – ou para a reprodução das violências simbólicas de discriminação. Neste caso, a professora não só negou a Maria uma expressão de identidade, como julgou ser obrigatório para as meninas usarem roupas justas; ao contrário do professor de educação física que precisou mediar o conflito dos meninos com as meninas, que queriam jogar futebol mas os meninos não cediam espaço. Maria não gostou da atitude da professora sobre as roupas dela.

**R:** Você respondeu algo?

**M:** Eu virei pra professora e falei que os direitos são iguais, aí ela falou “ah tá”, tipo como se fosse um preconceito, sabe?

**R:** Isso que você tá me contando me parece um preconceito mesmo

**M:** Sim. Ou um homem ou menino usar uma calça mais apertada. As pessoas já começam a falar, a fazer bullying às vezes

O bullying é um conceito amplamente usado pela mídia como um tipo de violência que ocorre dentro do ambiente escolar, sem que se problematize os fatores sociais determinantes para a sua ocorrência. Isolado de suas razões culturais, políticas e econômicas, o termo bullying se afasta do conceito de

preconceito omitindo problemas estruturais que são reproduzidos dentro das instituições. Sendo assim, não basta apenas mencioná-lo, mas analisar e interpretar dentro de um contexto social amplo para que se possa entender que a escola pode estar a serviço de ideologias dominantes e produtoras de desigualdades (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Maria sabe que os direitos são iguais, e percebe que mesmo assim há diferentes tratamentos entre meninos e meninas para as mesmas situações. Nem sempre consegue explicar o que exatamente acontece ou media esses conflitos, mas consegue nomeá-los como preconceito e observar que ele se dá através da relação com as outras pessoas. Mesmo que ínfimo se comparado a toda uma estrutura social de opressão, aqui talvez esteja o ponto essencial para um movimento histórico de transformação dos significados, alterando também a relação que estes mantêm com o pensamento e, portanto, com os sentidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos e significados dados a gênero pelas crianças são constituídos nas relações com os outros e com o mundo que as cerca. Quem são os meninos e quem são as meninas atravessam suas próprias identidades, revelando conflitos nas suas formas de expressão (principalmente no brincar) frente a crítica e ao julgamento das pessoas.

As meninas, para João, brincam de bonecas e são as namoradas; para Maria, é ter regras e obrigações mais pesadas. Os meninos para João são relaxados, empinam pipa e tem brincadeiras mais violentas, para Maria os meninos têm vida mais fácil, podem jogar bola e usar roupas largas sem que ninguém reclame. Contudo, os meninos também podem querer se maquiar e brincar de boneca e as meninas podem jogar futebol e ocupar espaços que antes não eram concedidos a elas.

O gênero é uma categoria fundamental dentro dos estudos de campo da psicologia, isso porque ele denuncia ideologias dominantes que afetam diretamente a subjetividade do indivíduo. A perspectiva binária homem/mulher vai revelar contradições mediadas pelas atividades humanas, regulando comportamentos e estabelecendo relações de poder que se reproduzem dentro das instituições, principalmente as escolares e familiares.

A construção do que é ser um menino ou uma menina é material, histórica e dialética. Ela carrega conteúdos históricos, ideológicos, contraditórios e mediados. Questionar os sentidos e os significados que essas categorias revelam, é proporcionar transformação através do questionamento, o que pode levar à desnaturalizar o fenômeno.

Acredito que este trabalho é apenas um pequeno passo para compreender como o gênero afeta a subjetividade das crianças, principalmente neste momento político em que nos encontramos, quando não sabemos o rumo da educação e nem dos direitos humanos mais básicos. Também é possível – e mais enriquecedor – trabalhar com intersecções entre pautas identitárias como a sexualidade, raça, classe social, nacionalidade e religião, entre outras, que são essenciais para apreender a complexidade das vivências de gênero. Este tema de estudo e discussão relativos às crianças não tem nada de semelhante com a

erotização infantil. Pelo contrário, ele permite discutir a violências tão comuns em nosso país, que marcam a vida da população desde a idade mais tenra.

## REFRÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria J. de; LIEBESNY, Brônia; MARCHESAN, Eduardo C. & SANCHEZ, Sandra G. Capítulo 2 - Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Orgs.). A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica, São Paulo: Cortez, 2009, p.54-72.

AGUIAR, Wanda Maria J. de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Bras. Brasília*, v.94, n.236, p.299-322, jan/abril. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 26, n. 2, p. 222-245, June 2006.

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Identidade e emancipação. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, e170998, 2017.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 20, n. 1, p. 33-41, Apr. 2008.

BARBOSA, Catarina; GALVANI, Giovanna. Debate de gênero dominou pauta moral do governo Bolsonaro em 2019. **Carta Capital**, 28 dez, 2019. Diversidade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/debate-de-genero-dominou-pauta-moral-do-governo-bolsonaro-em-2019>. Acesso em: 08, maio, 2020.

BARROS, João Paulo Pereira et. al. O conceito de "sentido" em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v. 21, n. 2, p. 174-181, Aug. 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 22 mar. 2020

BOCK, Ana Mercês Bahia. Capítulo 1 - A psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3a ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. P.15-36

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: Gênero – Uma perspectiva global. Compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – No mundo contemporâneo. São Paulo: nVersos, 2015. p. 29-50.

COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. S. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.55, p.205-223, 2011.

FIGUEIRA, Sérvulo A. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira. In Sérvulo A. Figueira (Org.) **Uma nova família?** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1987.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. FUTEBOL FEMININO E AS BARREIRAS DO SEXISMO NAS ESCOLAS: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p. 28-43, dez. 2009.

JÚNIOR, J. E. T. B.; KARLINNE O. S. Todo dia é sua de festa: os sentidos e os significados do trabalho no contexto circense. In: COUTINHO, M. C.; FURTADO, O.; RAITZ, T. R. (Org.). *Psicologia Social e trabalho: perspectivas críticas*. Florianópolis : ABRAPSO Editora : Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015.

GALLERT, A. Z., LOUREIRO, G. D., SILVA, M. R. B., SOUZA, R. C. (2011). Subjetividade na pesquisa qualitativa: Uma aproximação da produção teórica de González Rey. *Educação on-line (PUC-RJ)*, v. 8, p. 01-18.

GARCIA, Carla C. Introdução – O que é o feminismo? In: *Breve história do feminismo*. 3ª ed. São Paulo: Claridade, 2015. p. 11-24.

GONÇALVES, Maria Graça Marchina. Capítulo 2 – A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: A historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3a ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p.37-52.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educ. Pesqui.*, São Paulo , v. 37, n. 1, p. 69-85, Apr. 2011.

LANE, S. & CODO, W. (Orgs.). Linguagem, pensamento e representação social. In: Psicologia Social: o homem em movimento. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 32-29.

LARA JUNIOR, Nadir; LARA, Andrea Paula Santos. IDENTIDADE: COLONIZAÇÃO DO MUNDO DA VIDA E OS DESAFIOS PARA A EMANCIPAÇÃO. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 29, e171283, 2017.

LEONTIEV, Alexis N. Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 12. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 59-83.

LOURO, Guacira Lopes. Capítulo 1 – A emergência do “gênero” Gênero. In: Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6a ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

LUCCHINI, M. L. Diferença e desigualdade: a influência do gênero nas brincadeiras escolares. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v.13, n. 2, p. 119-129, Jul./Dez. 2008.

MIRANDA, Marília Gouvea. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S. & CODO, W. (Orgs.) Psicologia Social: o homem em movimento. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 125-135.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U.

MOON, S. M. (1990). Family therapy and qualitative research. Journal of marital and family therapy, 16 (4), pp. 357-373.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 11, n. 3, p. 647-654, Dec. 2006.

NATIVIDADE, Michelle Regina da; COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 1, n. 1, p. 9-18, jun. 2008.

NEHER, Clarissa. “ideologia de gênero”: o combate a um campo científico. **Carta Capital**, 19 jan, 2019. Diversidade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ideologia-de-genero-o-combate-a-um-campo-cientifico/>. Acesso em: 08, maio, 2020.

NOGUEIRA, C. (2001). Feminismo e Discurso do Gênero na Psicologia Social. Em *Psicologia & Sociedade*. 13(1): 107-128. São Paulo: Abrapso.

PELOSO, Franciele Clara. Infância e Crianças: contribuições da teoria histórico-cultural de vigotsky para compreender a criança como sujeito histórico e social. In: congresso nacional de educação, 11., 2013, Curitiba. Proceedings... . Curitiba: Edurece, 2013. p. 24947 - 24963.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de; SZWAKO (orgs.) *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berlandis e Vertecchia. 2009. p. 118-146.

SAFFIOTI, H. I. B. (2004). O conceito de gênero. In: *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2004 p. 53-62.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *E.i.a.l.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p.147-164, fev. 2005.

SANTOS, Maria C. Movimento feminista e novas estratégias de ação no combate a violência de gênero. 2016. 19 p. Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe

SENKEVICS, Adriano Souza; POLIDORO, Juliano Zequini. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia*. São Paulo. v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012.

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. A Concepção de Criança Para o Enfoque Histórico-cultural. 2007. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Unesp, Marília, 2007.

SOUZA, Tatiana Yokoy de; BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu; OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. **Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais**. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 357-376, Dec. 2008 .

SPINK, M. J. P. (org.). *O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VINUTO, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44).

WAGNER, Adriana et al . Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 181-186, Aug. 2005.

70% das vítimas são crianças e adolescentes: oito dados sobre estupro no Brasil. **BBC News Brasil**, 24 de abril 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>. Acesso em: 8, maio, 2020.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

### 1) DESENHO

- Faça um desenho sobre o que é ser um menino
- Faça um desenho sobre o que é ser uma menina

### 2) QUESTIONÁRIO SOBRE O DESENHO

- Quem é ela/ele?
- O que ela/ele está fazendo?
- Como é a vida dela/dele? Onde mora? Com quem?
- Todas as meninas/meninos fazem isso?

### 3) ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

- Você se considera uma menina/menino? Você gosta de ser?
- O que você acha que tem que mais legal em ser meninas/menino?
- Tem algum lado de ser menina/menino?
- Você acha que tem diferença entre meninos e meninas?
- Quais as semelhanças entre meninas e meninos?
- Você acha que as meninas/meninos gostariam de fazer algo que você faz e elas/eles não fazem? O que? Por quê?
- O que as meninas/meninos fazem que você gostaria de fazer?
- Você acha que existem brinquedos que são para meninas/meninos?
- Se você brincasse com brinquedos de meninas/meninos, o que os seus amigos diriam? E os seus pais?

## **APÊDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES**

Prezado(a) Senhor(a), sou RAFAELA RUIZ DINIZ aluna do bacharelado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa para elaboração do meu trabalho de conclusão de curso exigência para obtenção do título de bacharel em Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Flavia Arantes Hime. Minha pesquisa tem como por objetivo conhecer as representações que crianças em idade escolar dão para o conceito de homem e mulher na sociedade atual, visando investigar as concepções de gênero que se transformam desigualdades no atual momento histórico, relacionando com o contexto de vida desta criança não desprezando sua realidade social e econômica. E nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração em autorizar o seu filho(a)/tutelado(a) a participar do estudo. A participação se daria na forma da produção de desenhos e uma entrevista semi-estruturada gravada para posterior transcrição e análise, seguindo todos os preceitos éticos previsto pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, com função pública, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (conforme previsto nas Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Res. CNS/MS nº 466/2012 complementada pela Res. CNS/MS nº 510/2016).

Informamos que a qualquer desconforto é prevista a retirada da concordância via termo de consentimento livre e esclarecido, ou seja, a revogação e cancelamento do consentimento a qualquer tempo, sem prejuízo ou ônus para com os participantes e seus responsáveis. Informamos ainda que as informações obtidas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de filho(a)/tutelado(a).

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você. Assim como rubrica em todas as páginas deste documento.

A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Tendo ciência das informações contidas neste termo de consentimento, Eu \_\_\_\_\_, portador do RG Nº \_\_\_\_\_, autorizo a participação voluntária do(a) meu(minha) filho(a)/tutelando(a) nesta pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu responsável concorde com esta participação.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) Responsável

---

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Rafaela Ruiz Diniz  
Telefone: (11) 982066328  
E-mail: [rafaelarudini@gmail.com](mailto:rafaelarudini@gmail.com)

Bairro: Perdizes  
CEP: 05.015-001  
Telefone: (11)3670-8466  
E-mail: [cometica@pucsp.b](mailto:cometica@pucsp.br)

CEP-PUCSP  
Endereço: Rua Ministro Godói, 969 – sala 63  
C

## APÊNDICE C – Transcrição de Entrevista

### JOÃO, 7 ANOS; 3º ANO.

Entrevista realizada presencialmente no dia 18.04.2020

#### VERBALIZAÇÕES DURANTE O DESENHO

**R:** No primeiro desenho eu quero que você desenhe o que é ser um menino

**J:** Jogando bola?

**R:** Você que sabe

**J:** Tá bom

**J:** pode fazer de qualquer lado?

**R:** Do jeito que você quiser

[...]

**J:** Muito silêncio...

**R:** Você pode conversar comigo durante se quiser

**J:** Não, eu quero me concentrar

[...]

**J:** Esse é o laranja [lápiz] né?

**R:** Aham

**J:** Sabia que se pintar assim óh, é cor de pele, você sabe né?

**R:** Não todas as peles

**J:** Uma amiga que me ensinou

**R:** A pintar a cor da pele?

**J:** É. De laranja

[...]

**J:** Pronto. Deu Quantos minutos?

**R:** Acho que uns 10 minutos

**R:** Agora eu vou pedir pra você fa...

**J:** A forma adulta né?

**R:** A forma adulta?

**J:** Do meu boneco

**R:** Não. Agora eu vou pedir pra você desenhar o que é ser uma menina

**J:** Ser uma menina? Eu não sei fazer o cabelo não. Vou ver se eu consigo né?

[...]

**J:** Não consigo fazer cabelo. Vou fazer assim

**J:** Você fica fazendo desenho de menina? Eu fico o dia inteiro fazendo desenho de menino

**R:** Eu não desenho faz tempo. Você gosta de desenhar?

**J:** Aham [positivo]

**J:** Ai, não sei fazer o nariz

[...]

**J:** Finalmente consegui fazer um coração. Antes não sabia

**R:** É a primeira vez que você conseguiu fazer um coração?

**J:** É a primeira vez que consegui...

**J:** Você vai apresentar pros... seus... colegas?

**R:** Minha professora e, talvez alguns colegas. Por quê?

**J:** Nada. É que as vezes eu pinto ruim

**R:** Não, mas isso não vale nota e você está indo muito bem

[...]

**J:** Isso é um emoji que eu to fazendo

**R:** Emoji? Qual emoji que é?

**J:** O que tem o olho de coração. Por quê?

**R:** Porque eu queria saber qual emoji você está desenhando [...]

**R:** O que você desenhou aqui? [Desenho do menino]

**J:** Eu desenhei um menino empinando pipa

**R:** Quem que é?

**J:** Não sei. Só desenhei.

**R:** E a roupa dele?

**J:** É um controle remoto que controla a terra, água e fogo

**R:** Você acha que todos os meninos gostam de empinar pipa?

**J:** Alguns. Que nem, o meu gato rasgou minha pipa. Ele foi inventar de subir no rádio, meu gato, ai ele rasgou.

**R:** E esse outro desenho? [Desenho da menina]

**J:** Esse é uma menina. Uma menina que tem um coração aqui, de ouro. Ai tem um emoji aqui. Ela ta pensando no emoji.

**R:** E isso aqui envolta do coração? O que é?

**J:** É uma coroa.

#### ENTREVISTA

**R:** Você se considera uma menina ou um menino?

**J:** Eu me considero uma... um menino

**R:** E você gosta de ser menino?

**J:** [Balança cabeça em positivo]

**R:** O que você acha legal de ser menino?

**J:** Eu acho legal é que você pode... não sei. Eu tô muito novo pra... desenhar. Ai eu não consigo desenhar

**R:** Você? Muito novo pra desenhar?

**J:** É. Ai eu não consigo desenhar

**R:** Mas você acabou de desenhar

**J:** Eu vô beber água

[J. foi beber água e ir ao banheiro]

**R:** Então, deixa eu te contar sobre a segunda parte do meu trabalho. Faz muito tempo que eu não sou criança, eu tenho 23 anos.

**J:** [Risos]

**R:** Faz tempo né? Preciso que você me conte como tá sendo isso aí de ser criança. Queria te perguntar primeiro se você gosta de brincar com brinquedo.

**J:** Algumas vezes.

**R:** É? Do que você brinca?

**J:** Eu brinco de luta, de tapa na cara, brinco de cola...

**R:** De cola?

**J:** Eu tenho uma cola transparente e ai eu coloco no meu dedo aqui e espero secar

**R:** E com seus amigos? Do que você brinca?

**J:** De cola. Só com meus amigos. Que nem, eu acabei de descobrir onde o Breno mora. O Arthur eu não sei, nem o Cauã. Tem o Cauã, tem o Arthur, tem o Breno e tem o Luan. Meus melhores amigos.

**R:** E do que você brinca com seus melhores amigos?

**J:** A gente brinca de... as vezes... as vezes... eles se socam. São da escola, da mesma sala que eu.

**R:** E as meninas? Elas brincam do quê?

**J:** Boneca!

**R:** Boneca? Só isso?

**J:** É. Só pensam em LOI [boneca]. Boneca, boneca, Lol, Lol, Boneca, Boneca, Boneca, Lol

**R:** Você brinca de boneca?

**J:** A minha única namorada não pensa em Lol [voz baixa]

**R:** Não entendi

**J:** Nada.

**R:** Eu entendi que você falou 'a minha única namorada'

**J:** Aham

**R:** Você tem namorada?

**J:** ahn?

**R:** Você tem namorada?

**J:** [acena a cabeça em positivo]. Você tem?

**R:** Eu não tenho

**J:** Mentira

**R:** Eu já tive. Não tenho mais

**J:** Ano passado? 2019?

**R:** Sim. Me conta, sua namorada é da sua escola?

**J:** Foi pra outra escola. Ela se mudou pra outra escola. A gente tá tentando descobrir.

**R:** E como vocês estão se falando?

**J:** Não sei

**R:** Vocês não estão se falando então?

**J:** Não

**R:** E como você vai resolver isso?

**J:** Não sei

**R:** E ela não gosta de brincar de Lol?

**J:** Não!

**R:** Do que ela gostava então?

**J:** Gostava de brincar de boneca e boneco

**R:** E você brincava com ela?

**J:** A gente brincava de cola

**R:** Então menina também brinca de cola

**J:** É a única menina que brinca de cola

**R:** A única? Não sei se acredito

**J:** Ela brinca com a cola branca e eu brinco com a transparente e ela também brinca comigo

**R:** Mas e as bonecas? Você brinca de boneca e boneco com ela?

**J:** A gente brinca de tapa na cara

**R:** E ela te dá tapa também?

**J:** Hm... não de verdade. E boneca.

**R:** Então você tá falando que brinca de cola, de tapa na cara e de boneca com ela?

**J:** É

**R:** Entendi. E você acha que ela como menina tem semelhança com você?

**J:** Como assim semelhança?

**R:** Coisas que são iguais ou parecidas

**J:** Tem um amigo né, que ele tá tentando arranjar uma namorada pra namorar com ele, ele tava faz tempo, até em 2019. Ai ele conseguiu uma namorada ai a namorada ter... arranjou a namorada em um dia no outro dia a namorada terminou com ele. Aí ele tá tentando arranjar, aí a escola parou ai... não tem como eu ajudar

**R:** E o que você acha que faz um menino gostar de uma menina?

**J:** Teve um dia, que uma pessoa gostou de mim. Ai eu olhei pra ela assim óh, normal. Ela olhou pra luz, ai o olho dela brilhou e ficou azul sei lá. Eu fiquei assim óh [arregalou os olhos]. Ai... ela olhou pra mim, eu tava fazendo minha lição. Ai, que foi mesmo? Ai ela... não lembro

**R:** Não aconteceu mais nada?

**J:** Não

**R:** E você acha que menino pode gostar de menino também pra namorar?

**J:** Pode, se ele for... gay

**R:** E menina gostar de menina?

**J:** Também pode. Todo mundo tem preconceito lá na minha escola. Todo mundo tem preconceito. De... alguém brincar de boneca... brincar de boneco... todo mundo tem preconceito. Mesmo se passar batom ou base, todo mundo tem preconceito

**R:** Como você sabe que eles têm preconceito?

**J:** Porque um dia eu fui lá e eu sem querer eu passei, não batom vermelho, vermelho, vermelho, mas passei batom de leve. Aí passei um negocinho verde [aponta para a pálpebra]

**R:** Você?

**J:** Aham. Passei a base né? Ai o batom, ai passei o negócio. Ai minha professora achou lindo né? Ai todo mundo riu de mim. Fui lá, tirei.

**R:** Foi na escola isso né?

**J:** Sim

**R:** Não teve nenhum amigo seu que gostou da sua maquiagem?

**J:** Só a minha namorada... e o Luan. Só isso.

**R:** E se não tivesse preconceito, você acha que os meninos iriam gostar de se maquiarem?

**J:** Iam. Se fosse menina

**R:** Como assim?

**J:** Menina. Normal

**R:** Mas e se fosse meninos? E não tivesse ninguém que risse

**J:** Iam

**R:** Então o que as meninas gostariam de fazer, que os meninos fazem, mas elas sofreriam preconceito por serem meninas?

**J:** Se a menina for menino e ela passar batom e base

**R:** Se a menina for menino?

**J:** Se a menina for menino. Ai todo mundo vai ter preconceito.

**R:** E como uma menina se transforma em menino?

**J:** Tô dando um exemplo

**R:** Sim. Mas você me falou que uma vez você passou maquiagem e você gostou mas riram de você, e que os meninos gostariam de passar maquiagem se fossem meninas. Você acha que tem algo que os meninos fazem e as meninas gostariam de fazer também?

**J:** Os meninos não gostariam de fazer nada. Só as meninas. Os meninos lá da minha escola são relaxados, deixam coisa espalhada pelo chão, deixam cola espalhada pelo chão. Minha professora é brava, brava, brava. Não pode nem dar um peito que ela fala "quem deu um peito?!"

**R:** E as menina são como na sala?

**J:** São normais, fazem tudo direitinho. Eu sou o único que não sou relaxado.

**R:** O único dos meninos?

**J:** Aham [positivo]

**R:** Mas eles riem de você por causa disso?

**J:** Ninguém liga. Lá na escola eles colocam os brinquedos juntos porque não dá pra separar, se não os meninos vão deixar tudo jogado. Os meninos também brincam de boneca, mas de bebê, de boneca bebê. Ai todo mundo pega pelas cabeças, estoura, ai pinta. Fica uns monstros. Eu não gosto de boneca, dá medo. Sabe aquele celular tijolinho? Se você tacar na parede ele não quebra né?

**R:** É difícil quebrar

**J:** Chama tijolo né

**R:** Por uma razão

**J:** Tijolo você consegue numa martelada. O Davi [irmão] fez isso, o celular dele tava travando... [inaudível]... com o martelo BUM! E o celular continuou só com um risquinho. Ai travou e deu pra minha mãe ai eu estraguei tudo.

**R:** Você acabou de quebrar o celular?

**J:** Eu tinha um celular. Era assim mais ou menos [demonstra tamanho]. Caiu debaixo da cama, no cantinho da cama sabe? Deu uma raiva...

**R:** Você jogava nele?

**J:** Não tinha memória o suficiente

**R:** Você joga jogos de celular?

**J:** Free Fire. Eu baixo, jogo umas duas, três partidas, ai eu desinstalo né? Minha mãe não gosta porque gasta internet.

**R:** Seus amigos também jogam Free Fire?

**J:** Jogam mas eu não consigo jogar online com eles

**R:** Você já jogou com sua namorada?

**J:** Joguei

**R:** E ela gostou?

**J:** Boa!

**R:** Ela é boa?

**J:** Mato quantos? Tinha uns 51 mais ou menos e ela matou certinho. Todo mundo. Ai né, ela tava aqui né? Tinha uma árvore ali e outra ali ai na hora, a gente colocou uma corda e a gente pulou junto e na hora que a gente pulou junto a gente empurrou o negócio de se puxar... ai... a gente amarrou num... num... esqueci! Na granada, ai tem uma coisa de atirar e jogar. Ai na hora que a gente ouviu ai TUM TUM, a gente tava com sniper. Acabou com ele. Ela tá lá na platina.

**R:** Mas pra estar na platina tem que ser bom né?

**J:** Perai

[João levanta, vai até o banheiro e conversa com a mãe até que eu o chame novamente]

**R:** João, tenho só mais uma dúvida, eu tava vendo o seu desenho da menina. E eu queria saber porque você desenhou um coração aqui

**J:** Porque faz parte dela, é o coração dela. Menina é sentimental

**R:** Você acha que menina é mais sentimental que menino?

**J:** Muito. Mais nervosas.

**R:** Será?

**J:** Não. Menino é um pouco. Teve um dia quando meu irmão tava bravo com o pai ele, ele tava na casa de uma amiga nossa né? Ele deu um soco na parede e quebrou. Agressivo

**R:** Então menino é bem nervoso também.

**J:** É. Vamos subir?

**MARIA, 10 ANOS; 5º ANO.**

Entrevista realizada pelo telefone no dia 09/05/2020

**M:** Aló

**R:** Oi Mari, tudo bem? É a Rafaela

**M:** Oi Rafaela, tudo bom?

**R:** Tudo! O que você acha de começar me contando o que você fez hoje pra te conhecer um pouco melhor?

**M:** Ah, hoje eu arrumei a casa, fiquei mexendo no celular, li algumas coisas...

**R:** Eu fiz as mesmas coisas que você, acredita? O dia inteiro

**M:** Acredito sim viu [risos]

**R:** Você tá indo pra escola?

**M:** Eu tô matriculada na escola, mas agora eu não tô indo por causa do Corona vírus

**R:** Eu tô da mesma forma também. Que série você tá?

**M:** Quinto Ano

**R:** Vamos começar a falar dos desenhos então?

**M:** Sim

**R:** Queria que você falasse do desenho das meninas. O que você desenhou?

**M:** Ah, o desenho dos meninos eu me empolguei um pouco mais, mas o desenho das meninas, eu não gostei do desenho das meninas particularmente.

**R:** Por que você não gostou?

**M:** Porque eu ia fazer um monte de coisa, mas aí deu um branco na cabeça ai eu não gostei do desenho

**R:** Então se você pudesse desenhar o das meninas de novo, o que você desenharia?

**M:** Eu ia desenhar um monte de menina jogando futebol

**R:** Você gosta de futebol?

**M:** Gosto

**R:** Você desenhou os meninos jogando futebol

**M:** Foi

**R:** Então me conta o que tem no desenho das meninas que você fez

**M:** Fiz a escola, fiz uma lavando louça, outra cuidando do cachorro, dando ração para o cachorro... que mais? Eu fiz uma mulher dirigindo dentro do carro, e na escola comendo no intervalo, e tem outras estudando, e eu fiz a professora

**R:** Por que você fez as meninas fazendo esse tanto de coisa?

**M:** Porque é o dia-a-dia que eu vejo, sabe? Na escola tem uma hora que é intervalo, tem hora que não, tem dia que... Eu lavo louça né? Eu cuido do meu cachorro, eu vejo mulheres dirigindo carro tipo a tia da perua, as vezes ela dirigi e as vezes é o tio da perua. É por isso que eu fiz esse desenho

**R:** E você acha que toda as meninas fazem essas coisas que você desenhou?

**M:** Tem meninos que também fazem. Tipo lavar louça, dirigir um carro e estudar.

**R:** E o desenho dos meninos? Quem são?

**M:** Ah, eu não sei, mas vejo eles mais na escola

**R:** E o que eles estão fazendo?

**M:** Tem um jogando futebol, tem dois meninos empinando pipa, tem dois meninos brigando e tem dois meninos jogando.

**R:** E todos os meninos fazem isso?

**M:** É... tem uns que fazem tem uns que não

**R:** Mas a maioria dos meninos que você conhece fazem essas atividades que você desenhou?

**M:** Isso

**R:** Você se considera uma menina?

**M:** Me considero

**R:** E você gosta de ser?

**M:** É... não é que eu não gosto de ser menina mas se fosse o caso de eu escolher pra mim nascer, e eu querer e eu nascer uma menina, eu preferia nascer menino. Mas como Deus me fez assim, eu vou ter que ficar assim

**R:** Por que você escolheria nascer um menino?

**M:** Vida de homem é mais fácil

**R:** Mais fácil como?

**M:** Não precisa ter muita obrigação, não precisa chegar na hora certa em casa. Mulher já tem que chegar

**R:** Por quê?

**M:** Porque tem mulheres que tem filho e o pai não tá presente. Tem criança que mora com os avós e os avós cuidam e o marido, ou aconteceu alguma coisa, ou o marido trabalha e tá longe

**R:** E você acha que tem mais alguma desvantagem em ser menina além das que você me falou agora?

**M:** Não, eu acho que é só essa... tem mulher que tem... como eu posso explicar? Tem mulheres que sai porque as vezes não tem filho, ou as vezes tem filho também. Mas as mulheres têm direitos iguais só que tem umas regras mais... pesadas, vamos dizer assim.

**R:** Então agora me conta o que tem de legal em ser menina

**M:** O que tem de legal em ser menina? Não sei. Brincar por enquanto, trabalhar e estudar.

**R:** Você gosta de fazer essas coisas? Brincar, trabalhar e estudar?

**M:** Como eu não tô trabalhando por agora, aí eu estudo.

**R:** Como é esse seu trabalho?

**M:** Agora, virtualmente, eu trabalho de dona de casa. Aí eu estudo, faço minhas lições de casa...

**R:** Você gosta de fazer as lições de casa?

**M:** Não

**R:** Então isso não é a melhor parte de ser uma menina

**M:** Uma parte é boa estudar porque eu quero crescer e ser uma advogada, eu tô estudando pra isso. Numa parte eu desisti de ser policial, porque agora eu estudo demais pra ser advogada, minha cabeça fica doendo de tanto pensar

**R:** Advogada é inteligente né? Tem que estudar bastante mesmo

**M:** É, advogada é inteligente [risos]

**R:** Você falou também que o que tem de legal em ser menina é que a gente pode brincar. Do que você brinca?

**M:** Eu normalmente gosto de brincar de bolinha de gude. Por mim eu empinaria pipa o dia inteiro. Jogo bola, brinco de bolinha de gude, brinco de boneca, brinco de um monte de coisa, de casinha...

**R:** Com suas amigas também?

**M:** Também

**R:** E você acha que menina tem brincadeira diferente de menino?

**M:** Não, não muito. Menina pode brincar de brincadeira de menino por exemplo, tem mulher que joga futebol.

**R:** Você disse que joga futebol

**M:** Jogo

**R:** E o que os seus amigos dizem sobre isso?

**M:** Ah, meus amigos não falam nada porque eles também jogam comigo

**R:** E os seus pais? O que eles falam de vocês jogar bola?

**M:** A minha mãe por exemplo sabe que eu gosto de jogar bolinha de gude, de empinar pipa... que eu gosto dessas coisas

**R:** Entendi... e você consegue me falar semelhanças entre meninos e meninas?

**M:** Um pouco porque, sobre trabalho, homem pode ser advogado e mulher pode ser advogada. Um policial, pode ser uma mulher e um homem, então eu não vejo muita diferença. Só muda a diferença que eles são homens, ou meninos, e por exemplo, eu sou uma mulher, uma menina.

**R:** E diferença? Você acha que tem diferença entre você e um menino?

**M:** Só um pouco. Como posso explicar? Peraí. Eu vejo diferença porque... porque tem menino bagunceiro, tem menina bagunceira também... eu não sei explicar.

**R:** Você me contou que se pudesse nascer de novo, você nasceria menino né?

**M:** Sim

**R:** Se isso acontecesse e você fosse um menino, você gostaria de fazer alguma coisa que só as meninas fazem?

**M:** Acho que os meninos não iam querer ser meninas porque a vida deles é tão fácil

**R:** Não tem nada nas meninas que os meninos gostariam de ser ou fazer?

**M:** Não, pelo menos as pessoas que eu conheço não

**R:** E ao contrário? As meninas gostariam de fazer algo que só os meninos fazem?

**M:** Acho que não.

**R:** Mesmo você falando que gostaria de nascer menino?

**M:** É, mesmo que eu gostaria de nascer menino. Mas, eu gosto do jeito que eu nasci. Só que se fosse pra eu nascer, eu queria nascer menino mas eu não ia querer fazer coisas de menino porque eu joga bola, joga esses negócios assim que é de menino, e as pessoas as vezes ficam falando e tal que menina não joga bola mas, eu não ligo sabe?

**R:** E o que você acha dessas pessoas que ficam falando desse negócio que menina não pode jogar bola?

**M:** Eu particularmente acho que... não sei. As pessoas... tem homens que acham que a mulher não pode fazer isso ou que mulher tem que ficar dentro de casa, tem que fazer as coisas e só eles podem trabalhar, ou mulheres não podem estudar, só os homens.

**R:** E você acha isso errado ou certo?

**M:** Acho errado viu?

**R:** Acha né? Até porque você quer ser advogada

**M:** É! Então menina, tipo como se fosse preconceito sabe?

**R:** Aham

**M:** Estranho. Sabe que eu não ligo para o que as pessoas dizem

**R:** É bom isso, assim você consegue fazer mais as coisas que você quer, tipo jogar bola e ser advogada

**M:** É! Empinar pipa também, tem menina que empina pipa. Tem pessoas aqui na rua que se a menina empinar pipa, aí elas já começam a falar "nossa, empinar pipa não é pra menina, tem que brincar de boneca", essas coisas

**R:** E você gosta de brincar de boneca também?

**M:** Eu não, eu não gosto. Eu gosto de brincar mais, sabe? Acho que posso dizer que sou uma muleque porque as coisas que eu mais gosto é de jogar bola e vôlei

**R:** Jogar vôlei também?

**M:** Aham, porque na escola eu joga na educação física

**R:** Eu gostava muito de jogar vôlei da educação física também, mas faz tempo que não joga

**M:** É bom sabe? Tem coisa de menino que é bom

**R:** Não tem problema menina fazer essas coisas também, mas você disse que menina sofre preconceito, né? Você acha que meninas sofrem preconceito por outras coisas também?

**M:** Sofre porque, por exemplo, como eu posso explicar? Uma mulher policial, delegada, as pessoas já falam que a mulher não tinha que trabalhar disso, tinha que trabalhar de faxineira, trabalhar de telemarketing. As pessoas dizem que tem serviço essencial pra mulher, e serviço essencial pra homem.

**R:** E você acha que isso é verdade?

**M:** Não, porque tem advogado e tem advogada, tem policial, tem médicos e tem médicas

**R:** E dentro de casa, as mulheres sofrem preconceito também?

**M:** Um pouco, porque as mulheres pras pessoas não podem usar um short arrumando a casa. Não podem isso, tem que usar calça, tem que usar uma touca. Ou tem mulheres também que, como posso explicar? Eu não sei explicar. Eu tô pensando como que eu explico.

**R:** Vou tentar de ajudar. Você me falou das roupas, que falam que as mulheres têm que usar calça pra limpar a casa, e não podem usar short. E você vê diferença em como os homens e as mulheres se vestem?

**M:** Vejo, porque tem menina que gosta de usar umas coisas tipo menino, umas calças bem largas e uma blusa bem larga. Eu gosto de usar umas roupas mais largas, eu gosto particularmente. Mas tem gente que não gosta tipo, um dia a professora chegou pra mim e falou assim que mulher não pode usar roupa larga, tem que usar roupa justa

**R:** E o que você achou disso que ela falou?

**M:** Ah, eu não gostei não

**R:** Você respondeu algo?

**M:** Eu virei pra professora e falei que os direitos são iguais, aí ela falou “ah tá”, tipo como se fosse um preconceito, sabe?

**R:** Isso que você tá me contando me parece um preconceito mesmo

**M:** Sim. Ou um homem ou menino usar uma calça mais apertada. As pessoas já começam a falar, a fazer bullying as vezes

**R:** Porque essas pessoas fazem bullying?

**M:** Eu não sei. Tem roupas que as pessoas se sentem bem, mas tem roupas que você gosta e uma outra pessoa não gosta aí ela começa a criticar!

**R:** As meninas sofrem bullying também?

**M:** Sim. Um dia, eu tava na escola e um monte de menina queria jogar bola mas os meninos não queriam que as meninas jogassem bola, e que as meninas tinham que ficar só no vôlei.

**R:** E o que vocês fizeram pra resolver isso?

**M:** Falamos com o professor

**R:** E ele deixou as meninas jogarem?

**M:** Deixou, ele disse que as meninas tinham que jogar também e nós começamos a jogar

**R:** Os meninos gostaram disso?

**M:** Não

**R:** Como eles ficaram?

**M:** Chateados, vamos dizer. Porque pra eles isso não é esporte de mulher.

**R:** Tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar sobre o que é ser menina ou menino?

**M:** Não, era só isso mesmo.

**ANEXO A – Desenhos**

João – O que é ser um menino



João – O que é ser uma menina



Maria – O que é ser um menino



Maria – O que é ser uma menina

